



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) em implantação
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARCO TÚLIO DE SOUSA NASCIMENTO

**PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA:
POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO**

**CATALÃO
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Marco Túlio de Sousa Nascimento

3. Título do trabalho

PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA:POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM
HISTÓRICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luzia Márcia Resende Silva, Professora do Magistério Superior**, em 29/03/2022, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **MARCO TÚLIO DE SOUSA NASCIMENTO, Discente**, em



29/03/2022, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2726785** e o código CRC **3A2A3706**.

MARCO TÚLIO DE SOUSA NASCIMENTO

**PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA:
POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de História e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG) / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História.

Linha de pesquisa: História, Sociedade e Práticas Educativas.

Orientadora: Professora Doutora Lúzia Marcia Resende Silva

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Nascimento, Marco Túlio de Sousa
PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA : POSSIBILIDADES
PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO / Marco Túlio de Sousa
Nascimento. - 2022.
113, CXIII f.

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Márcia Resende Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação
em História, Catalão, 2022.

1. Resistência. 2. Protagonismo. 3. Empoderamento Negro. I.
Silva, Luzia Márcia Resende, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **103** da sessão de Defesa de Dissertação de **Marco Túlio de Sousa Nascimento**, que confere o título de Mestre em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Aos **vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e dois**, a partir da(s) **14h00m**, **remotamente**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: **PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA: POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Luzia Márcia Resende Silva - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em implantação)** “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência” com a participação das demais membras da Banca Examinadora: Professora Doutora **Maria Andréa Angelotti Carmo - (IH-UFG)** membra titular externa “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência” e a Professora Doutora **Jeanne Silva - (PPGHMP/INHCS/UFG/UFCAT em implantação)**, membra titular interna “cuja participação ocorreu por meio de videoconferência”. Durante a arguição as membras da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelas suas membras. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Luzia Márcia Resende Silva**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelas Membras da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e dois**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Luzia Márcia Resende Silva, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2022, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jeanne Silva, Professora do Magistério Superior**, em 28/03/2022, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Andréa Angelotti Carmo, Usuário Externo**, em 28/03/2022, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2726779** e o código CRC **3C9459A2**.

RESUMO

O presente relatório de tem por finalidade apresentar os caminhos e as intencionalidades, tal como os metodos e objetivos, contidos na pesquisa de Mestrado Profissional de História, do Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Catalão-UFCAT, sobre as relações étnico-raciais, com vistas a descrever as principais características exsistentes no produto final, que priorizou abordagens de protagonismo, identidade, resitência, empoderamento, história e cultura do povo Negro, em material confeccionado para o uso de Docentes do Ensino Médio que carrega em seu percurso reflexões, atividades e práticas do fazer pedagógico objetivando contrapor discursos e narrativas depreciativas e excludentes existentes no meio escolar, com a apresentação de atividades que se apropriam de ferramentas e práticas já existentes no cotidiano escolar, visando conduzir o Professor à uma jornada que começa com a revisão de seus posicionamentos e posturas em relação às questões raciais no chão da escola, perpassa por conceituações e ofertas de um fazer pedagógico e histórico e se encerra com a busca por indetificação da diversidade social na sala de aula com dinâmica específica, em um Material que discute teoricamente os lugares do Negro, termos depreciativos que devem ser erradicados da sociedade e das vivências escolares e formas de risistências em caminhos netodológicos pensados com o objetivo de pavimentar os possibilidades para um processo de ensino e aprendizagem saudável à construção de uma educação antirracista, no qual o docente assume o papel de protagonizar a condução dos esudantes rumo às descobertas de novos saberes que visem a valorização do Negro, no passado e no presente.

Palavras-chave: Resistência, Protagonismo e Empoderamento Negro.

ABSTRACT

The purpose of this report is to present the paths and intentions, as well as the methods and objectives, contained in the research of the Professional Master's Degree in History, of the Postgraduate Program in History, of the Federal University of Catalão-UFCAT, on the relations ethnic-race, with a view to describing the main characteristics existing in the final product, which prioritized approaches of protagonism, identity, resistance, empowerment, history and culture of the Black people, in material made for the use of High School Teachers who carry in their path reflections, activities and practices of pedagogical practice aiming to oppose derogatory and excluding discourses and narratives existing in the school environment, with the presentation of activities that appropriate tools and practices already existing in school daily life, aiming to lead the Teacher on a journey that begins with the review of their positions and postures in relation to racial issues in the ch sion of the school, goes through concepts and offers of a pedagogical and historical doing and ends with the search for identification of social diversity in the classroom with specific dynamics, in a Material that theoretically discusses the places of the Negro, derogatory terms that must be eradicated from society and school experiences and forms of resistance in net methodological paths designed with the objective of paving the possibilities for a healthy teaching and learning process to the construction of an anti-racist education, in which the teacher assumes the role of leading the conduct of students towards the discoveries of new knowledge that aim at the valorization of the Black, in the past and in the present.

Keywords: Resistance, Protagonism and Black Empowerment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS.	12
2. METODOLOGIA.	12
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.	13
4. CONCLUSÃO.....	16
Anexo - DESENHOS/ ILUSTRAÇÕES DO AUTOR.....	18
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO.

O racismo existe, se fortalece e ganha novos Significados ao longo dos tempos em que as gerações vão se desenvolvendo social, política e economicamente, nas trajetórias diversificadas das sociedades humanas. Sempre houve resistência e lutas do povo negro e suas reivindicações perpassam os espaços de poder (e formação) dentre os quais se encontra a Escola.

O Movimento Social Negro¹ trava , de longa data, combates para que os currículos escolares sejam cumpridores da Lei 10.639/03, que trata da valorização da História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Oriundo das militâncias sociais das causas negras, me foi proporcionado um ambiente de formação popular e afro, complementando muito de minha formação acadêmica, o Movimento Negro serve à educação dos seus e da sociedade , como assim fora citado no material:

Podemos dizer que a comunidade negra e o Movimento Negro produzem saberes, os quais se diferem do conhecimento científico, mas em hipótese alguma podem ser considerados menos “saber” ou “saberes residuais. Nesse caso, o que estamos considerando como “saberes emancipatórios produzidos pelos negros e pelas negras e sistematizados pelo Movimento Negro”? Trata-se de uma forma de conhecer o mundo, da produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça numa sociedade racializada desde o início da sua conformação social. (GOMES, 2017, p.67).

Com vivências e experiências nas práticas pedagógicas do trato das relações étnico-raciais como Professor de História na Educação Básica, busquei apresentar no Produto de Mestrado caminhos para uma abordagem antirracista de questões históricas do negro como protagonista e ator social importante, interligando conceitos de construções socio-culturais aos modelos e sugestões de atividades.

A proposta é “conduzir o Professor à uma jornada” de saberes e conhecimentos, em um processo de ensino e aprendizagem que vise desconstruir os discursos (ainda coloniais) e que servem ao reforço do que se pretende combater: o racismo.

Endereçando propostas metodológicas aos três anos finais da vida na Escola, o trabalho intitulado “*Protagonismo e Resistência Negra: possibilidades para uma abordagem histórica das relações étnico-raciais no Ensino Médio*” carrega a intencionalidade de se contrapor ao discurso tradicional usando práticas do fazer pedagógico que são rotinas nos colégios, existindo aqui a primeira missão assumida: direcionar o discurso e as formas de apresentar o negro contra as formas tradicionais, usando metodologias que são tradicionais, apropriando-se de ferramentas já existentes nas rotinas escolares. Não há nada de contraditório nisso. Na verdade a proposta se utilizou de narrativas e discursos de protagonismo, empoderamento e valorização da história e cultura afro, aplicando tudo às práticas que já são do Professor. E é bom destacar que as tradições desafiadas são as que colocaram o negro como coadjuvante e invisível, e todo o trabalho perpassa por reflexões que suscitem a crítica e o pensar os lugares, conceitos históricos e sociais, objetivando propiciar ao Professor dinâmicas e atividades , dentro e fora da sala de aula, com oportunidades de realização de trabalhos diversificados no ambiente escolar.

1 Movimento Negro é o Conjunto de grupos de pessoas negras que se mobilizam em lutas, nos mais diver espaços sociais, para reivindicar direitos, dignidade e valorização do povo negro, suas identidades, costumes e cultura (ROCHA,2013).

1.1 OBJETIVOS.

Visando apresentar possibilidades e caminhos para que , historicamente, o negro tenha uma valorização de sua de sua cultura e identidades, em todo um processo de ensino e aprendizagem conduzido pelo Docente, os principais objetivos do trabalho são:

- Apresentar um discurso antirracista, se apropriando de práticas já existentes nas rotinas escolares como atividades em sala de aula, feiras e seminários.
- Proporcionar ao Professor um auto conhecimento de seus “saberes” histórico-pedagógicos nas relações étnico-raciais, em momento inicial de reflexões.
- Apresentar orientações para que o Docente siga em uma “jornada” em busca de novos saberes e conhecimentos históricos sobre o passado e presente do povo negro, provocando a crítica e reflexões sobre os lugares reservados ao negro e os espaços que ele precisa e tem o direito de ocupar.
- Proporcionar metodologias e atividades praticáveis no chão da escola, onde o Professor possa assumir o protagonismo na condução de processos rumo à construção de uma educação antirracista, inclusiva e cidadã.
- Apresentar conceitos, termos, definições e variadas formas de manifestações do racismo, na sociedade e na escola, sobretudo mostrando o que é pejorativo e depreciativo no trato das relações étnico-raciais em trabalhos e atividades com estudantes.
- Abordar a resistência do povo negro, com ênfase nas lutas e revoltas.
- Apresentar abordagens conceituais em atividades que dialogam com a juventude do Ensino Médio, utilizando personagens negros da Marvel Comic’s como chamariz, explorando a filosofia africana Ubuntu, o papel da mulher negra na sociedade, juventude negra e identidade cultural.
- Explorar as questões de identidades sociais existentes na sala de aula com atividade/dinâmica específica.
- Devolver à comunidade e, sobretudo ao Movimento Negro, suas teorias e conceitos já vivenciados em lutas do cotidiano em material acadêmico que sirva para a prática docente visando ofertar um repertório de possibilidades para os enfrentamentos do racismo na escola e a formação cidadã antirracista para os indivíduos em idade escolar.

2. METODOLOGIA.

Os métodos foram de coletas de material para a construção das discussões e da parte visual do Produto. Explorando arquivos pessoais com anotações, livros, buscando endereços eletrônicos, imagens e textos, além da confecção de ilustrações de representatividade africana e afro-brasileira (ANEXO).

Reunindo imagens, reportagens, bibliografia e pesquisando em sites, todo conteúdo coletado foi posto como referencial de apoio em cada atividade que foi sendo pensada como proposta para estudantes do ensino médio, sob a coordenação do Docente, inserindo textos que abordam as questões

raciais e História e Cultura Africana e Afro-brasileira ao longo do material produzido. Tomei por base muitas atividades, exercícios, seminários e feiras que já havia participado e/ou coordenado em anos anteriores.

As obras da Professora Rosa Margarida de Carvalho Rocha, *Educação das Relações étnico-raciais: pensando referenciais para a organização prática pedagógica* e *Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro*, devem ser mencionadas assim por terem servido de inspiração para toda a “jornada” que o material produzido foi apresentando com reflexões, definições conceituais, apresentações de saberes e propostas de atividades.

As figuras foram coletadas com suas referências eletrônicas sozinhas ou ilustrando textos de apoio. Além das ilustrações que foram feitas à mão para construir um “visual afro” para o produto, se alinhando às cores verde, amarelo, vermelho e preto inspiradas em movimentos políticos, sociais e nas tradições africanas. Desenhos feitos à mão tiveram alguns objetivos simbólicos, para incitar reflexões e abrir debates, como foi o caso da representação de Ogum (divindade negra usada para começar as abordagens sobre os personagens negros da Marvel) ou o Pássaro Sankofa, da Cultura Africana Adinkra, que simboliza o olhar para o passado e busca das raízes e da ancestralidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Quando escolhi ingressar no Mestrado em História, havia um outro tipo de projeto inspirado nas experiências pessoais das vivências como Professor e membro ativo de um Movimento Negro. A proposta inicial era tratar de algo especificamente ligado à juventude negra nos bancos escolares, por ter passado por inúmeros projetos que promoveram a retirada da invisibilidade de estudantes excluídos por um sistema escolar repleto de teorias nobres, mas que na prática não conseguiram ainda derrotar o racismo institucional vivo na escola.

No desenrolar de todas as experiências que tive com as relações étnico-raciais, na escola e na militância, estive em espaços que me permitiram ir aprendendo questões importantes e caminhos que seriam possíveis explorar no mestrado, mas a ideia de trabalhar com os jovens que foram empoderados na E.E Madre Maria Blandina, o colégio onde leciono em Araguari-MG, foi abandonada por diversos fatores, dentre os quais cito:

- a) as exigências acadêmicas para entrevistas apresentadas pelo Comitê de Ética pareceram muito burocráticas, naquela época, quando houveram tentativas de explicação sobre o trabalho com entrevistas e uso de imagens de pessoas;
- b) a conciliação das atividades profissionais com a pesquisa. Vieram muitas novidades na vida de Professor que me impediram de prosseguir com a ideia inicial; e
- c) o terceiro fator, nasceu das experiências que tivemos em duas disciplinas do Mestrado, analisando nossas propostas de pesquisa, revendo pontos importantes para prosseguirmos, em debates com os colegas, Mestres convidados e Professores do Programa de Pós-graduação em História.

Então, a partir daquele momento, havia escolhido construir uma discussão e debates teóricos em um Material Pedagógico que, inicialmente, chamei de *Almanaque*, e segui com tentativas de criar textos com teorias que julgava serem vitais para a condução de uma pesquisa destinada à construção de um Produto que trouxesse um discurso e metodologias para uma educação antirracista.

Considereei trabalhar com fábulas, e as reuniões de orientação foram lapidando aquela que seria a segunda proposta firmada e certa, para a qual projetei construir na segunda parte do material pedagógico todo um percurso com uma série de atividades incluindo desenhos animados e filmes da Disney, Marvel e outras franquias. As atividades, daquele momento, não cumpriam a finalidade com a fundamentação e objetivos que havia proposto. E vivenciado a avaliação da Banca de Qualificação, em dezembro de 2020, outras possibilidades me foram apresentadas até que então, a terceira proposta nasceu, observando as recomendações oriundas da avaliação daquele momento, sobretudo sugestões de títulos e da inserção de atividades com intencionalidades mais aprofundadas.

Seguindo com a pesquisa, após a qualificação, então rebusquei em arquivos pessoais anotações e textos que haviam servido aos projetos das Feiras Afro de Conhecimento que havia participado e coordenado como Professor nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019, sendo esta última umas das mais exitosas experiências de trabalhos com estudantes do 3º ano do Ensino Médio, expondo pesquisas e materiais sobre heróis Negros da D.C Comic's e da Marvel. Ela seria a responsável por me levar à semifinal da 2ª Edição do Prêmio “*Professor Transformador*”, promovido pelo Instituto Significare, por ter sido considerada uma prática inovadora nas questões étnico-raciais na escola. Os seminários, as atividades e momentos de debates e interação, que já havia implementado, assim acabaram por servir de base para que fossem sendo colocadas as propostas no material que seria o Produto definitivo.

A seleção de autores e teóricos foi outro momento de grande reflexão. Em um mestrado de História, logicamente devem haver Historiadores com suas bibliografias como referencial teórico principal. Mas, tomei como grande referência as obras da Professora Rosa Margarida de Carvalho Rocha, autora e militante com quem tive a oportunidade de viver momentos de formação nas relações étnico-raciais, no Movimento Negro, em Universidades e em Escolas, onde estivemos juntos para promover formações com professores e universitários.

A autora em questão foi uma das fontes de inspiração e motivadora para a busca por um Mestrado, pois uma das narrativas que fundamentam nossa luta contra o racismo é também “beber em ricas fontes de saberes”, buscando a capacitação para sustentar nossos discursos e bandeiras com todo um referencial teórico. Foi a Professora Rosa Margarida que me apresentou autoras negras, como a Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (parecerista da Lei 10.639/03) e Nilma Lino Gomes, na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, sendo esta última uma das autoras que proporcionou um entendimento educador do Movimento Negro e com a qual tive a oportunidade de interagir por diversas vezes, em momentos de amadurecimento para a vida e para a pesquisa.

Na ocasião em que chegou a Pandemia, outros agravantes dificultaram ainda mais a pesquisa, foi então que, estando na Presidência do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial – COMPIR de Araguari-MG, fui escolhido pelas pessoas de nosso Movimento Negro para ocupar a Gestão na Superintendência de Promoção da Igualdade Racial-SUPIR, no novo Governo Municipal. Um órgão pertencente ao Gabinete do Prefeito, a nível de Secretariado, o qual tem a missão que foi de encontro com a pesquisa: apresentar propostas e ações para a construção cidadã e antirracista, no Município.

Estando na liderança da SUPIR, consegui coordenar atividades de formação nas relações étnico-raciais em espaços escolares, empresariais e de governo. Adequando muitas atividades e reflexões que estão agora no material. Duas delas foram marcantes. A tabela para uma análise de suas percepções pessoais, que começa a jornada no Produto, foi remodelada para os funcionários e servidores da Prefeitura Municipal, em um *Curso de Gestão de Políticas Públicas*, e o Cartão de Identificação, a última proposta do material, foi confeccionado em dinâmicas com Professores e estudantes de graduação, no final de 2021, no mês da Consciência Negra/Novembro Negro, promovido pela SUPIR.

A reunião de material então foi acontecendo aconforme havia o resgate de muito do que já havia feito em termos de práticas escolares. Vale ressaltar que não esteve na proposta final o relato de experiências, deixando para momentos futuros, em outras possíveis pesquisas, a tarefa de explorar as vivências motivadoras do Mestrado em História. E prosseguido em busca de resultados, consegui compilar atividades pertinentes, com aplicabilidade já comprovada em vivências exitosas.

Os resultados de toda a pesquisa foram satisfatórios, desembocando em atividades propostas que, de fato, pensadas para cumprir um caminho informativo e formativo, informando com conceitos, abordagens históricas e metodologias de pesquisa e construção com a execução de atividades, buscando uma formação emoldurada com a defesa de um discurso antirracista voltado a provocar o Docente a assumir o protagonismo de condução (dos estudantes do ensino médio) à uma educação que valorize a História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

O Produto acabou ganhando corpo de Caderno Pedagógico, construindo as abordagens históricas e conceituais, e seguindo com o discurso antirracista em cada momento em que se propôs a desafiar narrativas tradicionais, se apropriando dos fazeres pedagógicos já existentes nos mais variados ambientes escolares.

Na primeira parte, antes que se diga que as práticas apresentadas são tradicionais, é importante ressaltar que um dos objetivos, não foi buscar “novas formas de fazer”, mas desconstruir ou mesmo retirar discursos e concepções que ainda servem ao reforço do racismo em suas mais variadas formas de manifestações, sendo que os autores escolhidos para fundamentar o trabalho vão de encontro com as dificuldades que existem nas tratativas da História do Negro e sua Cultura pelo Professor em seu cotidiano.

As atividades² apresentadas vão de feiras até seminários, questionários e dinâmicas, com o comprometimento de romper com narrativas excludentes e depreciativas vivas na escola. Assim, com o imaginário do lugar irrisório e invisível do negro na História (MOORE, 2012), as práticas pedagógicas que, ainda, apresentam as visões eurocêtricas (ROCHA, 2012), as questões colocadas e deixadas pelo passado de escravidão que inrompeu na degradação da cidadania para o negro (CARVALHO, 2012), e o reconhecimento das contribuições educadoras do Movimento Social Negro no Brasil (GOMES, 2017), convergiram para pavimentar os caminhos de atividades que buscam reflexões sociais, históricas, políticas e, sobretudo, humanitárias, visando construir todo um processo de ensino e aprendizagem que deve primar pela construção de uma educação cidadã e principalmente antirracista e inclusiva. As formas de resistências e lutas, no período da escravidão, foram mencionadas com a intencionalidade de informar ao Professor as várias estratégias de combates que o negro sempre utilizou nos tempos de cativeiro, definindo inclusive o conceito de Quilombo (FAUSTO, 2013).

As conceituações de racismo, suas manifestações institucionais, sociais e, obviamente, institucionais, foram apresentadas de modo direto e em destaque. Como um sistema global que afirma a superioridade de um grupo de seres humanos sobre outro, ROCHA, apresentou uma das mais bem explicadas definições, assim citada no Produto:

Estrutura de poder baseada na ideologia da existência de raças superiores ou inferiores. Pode evidenciar-se na forma legal, institucional e também por meio de mecanismos de práticas sociais. No Brasil, não existem leis segregacionistas, nem conflitos públicos de violência racial; todavia, encoberto pelo mito da democracia racial, o racismo promove a exclusão sistemática dos negros da educação e cultura, do mercado de trabalho e dos meios de comunicação. (ROCHA, 2012, p 28).

2 Muitas das atividades foram retiradas de repertório pessoal de práticas docentes do autor.

A retirada dos sentidos e significados de humanidade do negro, fruto do exercício de poder escravagista (GUIMARÃES, 2012), explorando fragmento de texto em atividade que trata da escravidão (CHALHOUB, 1990), e formas de obtenção de cativos na África (MATTOS, 2012) juntamente com a ênfase em abordar o racismo, se justificam por serem tabus, assuntos que muitos evitam, fazendo com que até a apresentação do crime de racismo se torne quase inexistente nos processos educacionais formativos da cidadania. O racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), apresentado em meio às discussões em atividade proposta, se alinha ao discurso ao propor um olhar crítico em relação às estruturas sociais que impedem o negro de acessar renda, educação, saúde e outros direitos fundamentais, e até o bem-viver em uma sociedade que deveria ter uma igualdade social, com o trato das diferenças em proporções igualitárias de dignidade e direitos.

Questões raciais históricas (SCHWARTZ, 2005) de concepções cujos sentidos e significados permanecem vivos nas mentalidades, culturas e imaginário social também foram colocadas como atividades reflexivas e de pesquisa. E os textos, músicas, ilustrações que sempre foram encaixados para reforçar as ideias de empoderamento, identidade e afirmação do negro como protagonista.

Trilhando a segunda parte do Material, os personagens da Marvel Comic's vão sendo apresentados para reforçar provocações, e a que deu início ao assunto foi a questão levantada sobre as percepções sociais destinadas ao olhar sobre a cultura negra: *e se Ogum estivesse entre os Vingadores, no lugar de Thor?* Assim começamos a explorar um pouco das possibilidades de se trabalhar a África (com o Pantera Negra), a Mulher Negra (com as Dora Milaje, guerreiras africanas fictícias da Marvel), a lém de abordar a Juventude (com Miles Morales, o Homem-aranha negro). Os personagens que foram aparecendo, ao longo da pesquisa, serviram ao propósito de encampar a resitência a qual o Produto se comprometeu a apresentar.

4. CONCLUSÃO.

A experiência vivida no Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal de Catalão-UFCAT, teve um percurso de dificuldades por ocasião de vivermos uma Pandemia que forçou, obrigatoriamente, as mudanças de nossas rotinas pessoais e profissionais.

O momento histórico vivido interferiu diretamente na pesquisa e a dificultou criando oportunidades de desistência e abandono do projeto, mas haviam compromissos assumidos em 2019, no começo do percurso acadêmico. Devolver à comunidade negra algo consolidado na forma de pesquisa foi um dos maiores motivadores para seguir com o Mestrado, contribuindo para proporcionar um material que apresente muitos dos conceitos e vivências que o negro, social e politicamente, já utiliza em suas lutas e formas contemporâneas de resitências.

Entre todos os conceitos, a diferenciação do uso dos termos ESCRAVO e ESCRAVIZADO, era um compromisso assumido, e mesmo que tratado rapidamente no Produto, foi possível mostrar como a contextualização dos termos mostram as visões escravagistas, usando a palavra “escravo”, e a visão de reconhecimento do ser humano que teve sua humanidade e liberdades retiradas, com o termo “escravizado”.

Mas a visão de militância não degradou as visões e percepções de pesquisador. A maior preocupação era oferecer um repertório de atividades e dinâmicas que, de fato e de verdade, fossem possíveis com uma aplicabilidade real no ambiente escolar, provocando reflexões e debates a respeito da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e do Negro como ator social relevante nos enfrentamentos culturais existentes no passado e na atualidade. Tal tarefa foi cumprida.

O Produto alcançou um formato satisfatório, ofertando realmente possibilidades para abordagens históricas das relações étnico-raciais no Ensino Médio e, em sua forma final, as cores amarelo, vermelho, verde e preto remetem à África, em afirmação que nossa ancestralidade (que teve aquele continente como berço), vive em nossos atos de resistências.

A jornada que o material convida o Professor a trilhar começa com uma avaliação do “eu docente” e finaliza com uma atividade para todos os estudantes buscando explorar a questão das identidades existentes na sala de aula. O início e o fim foram pensados para que o Professor revise e/ou desconstrua o seu “eu” e seja capacitado à condizir os estudantes também rumo a uma cidadania antirracista, com possibilidades de leituras sociais e interpretações das diversidades formadoras dos espaços que todos ocupamos.

O Produto não pretende ser revolucionário, mas provocador, desafiador de crenças pessoais e coletivas que forjaram barreiras sociais depreciativas e excludentes destinadas a inferiorizar o Negro, se apropriando de ferramentas e práticas escolares em vigência no cotidiano escolar.

Por fim, deve-se ressaltar que uma educação antirracista precisa ser desenvolvida em processos pedagógicos e históricos, a partir dos empreendimentos que o Material oferece, com o compromisso de construção de uma consciência social e humanística, devota da inclusão e com todos os gatilhos para os combates contra toda e qualquer forma de preconceito.

Anexo. DESENHOS/ ILUSTRAÇÕES DO AUTOR.

1- O Punho da Resistência- símbolo de diversos movimentos sociais e das lutas negras.



2- O Rei de Palmares- alusão a Zumbi.



3- Sankofa- Pássaro-símbolo da Cultura Ancestral Adinkra.



4- Ogum- Deus Negro da Guerra e da Metalurgia.



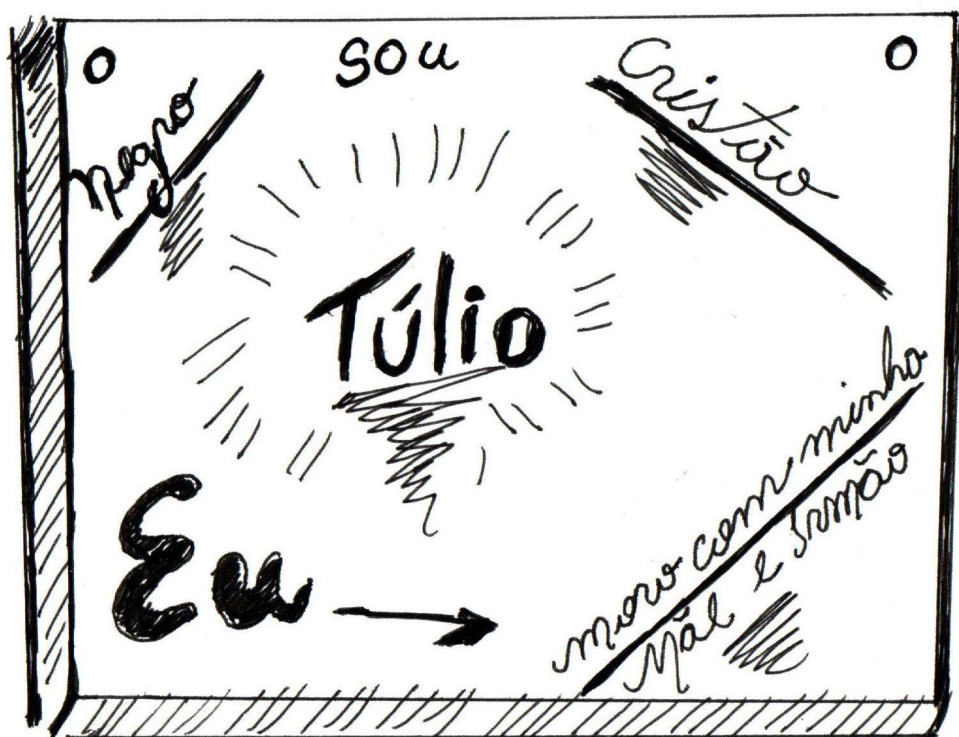
5-O Homem Dominando o Mundo- alusão ao conto Nigeriano sobre a natureza predatória humana.



6-Mãe Africana- a mulher trabalhadora e resistente, protetora de sua prole.



7- Modelo de Identidade para a dinâmica final do produto que oferta a proposta de discutir a diversidade cultural e social na sala de aula.



8- Os Griots, guardiões da sabedoria e da história em diversas culturas africanas.



REFERÊNCIAS.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. RACISMO ESTRUTURA. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. CIDADANIA NO BRASIL: O LONGO CAMINHO- 15ª ed- Rio de Janeiro : Civilização Brasileira , 2012.

CHALHOUB, Sidney. VISÕES DA LIBERDA: UMA HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO NA CORTE. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FAUSTO, Boris. HISTÓRIA DO BRASIL. 14ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis,RJ. Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII. In: REIS , João José. GOMES, Flavio dos Santos (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.-1ª ed.- São Paulo: Claro Enigma,2012.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. 2ª ed.- São Paulo: Contexto, 2012.

MOORE, Carlos. Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo 1ª ed.- Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS : PENSANDO REFERENCIAIS PARA A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.- Belo Horizonte: Mazza Edições 2012.

_____. ALMANAQUE PEDAGÓGICO AFRO-BRASILEIRO. 3ª ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

SCHWARTZ, Lilia Mortiz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras 2005.

Anexo:
Produto da Pesquisa.

PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA:



POSSIBILIDADES PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO.

Marco Túlio de Sousa Nascimento



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Nascimento, Marco Túlio de Sousa
PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA : POSSIBILIDADES
PARA UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DAS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO / Marco Túlio de Sousa
Nascimento. - 2022.
113, CXIII f.

Orientadora: Profa. Dra. Luzia Márcia Resende Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto
de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação
em História, Catalão, 2022.

1. Resistência. 2. Protagonismo. 3. Empoderamento Negro. I.
Silva, Luzia Márcia Resende, orient. II. Título.

CDU 94

Sumário.

Apresentação	32
Parte I:	
Abordagens conceituais, históricas e pedagógicas.	
Começando a jornada: Você e suas práticas de ensino das relações étnico-raciais.....	37
Lugares Afros: Trabalhando o lugar do negro nas abordagens históricas e na sociedade.....	40
Abordando a escravidão em sala de aula: desconstrução, criticidade e possibilidades para analisar a resistência negra.	61
Enfrentando monstros e quebrando tabus: A hora e a vez de falar sobre Racismo.....	71
Parte II:	
Possibilidades de trabalhos sobre o protagonismo negro utilizando personagens do Universo Marvel.	
Explorando o universo Marvel, na atualidade, com o empoderamento e o protagonismo negro.....	83
A África e o Pantera Negra.....	85
A Juventude Negra na Marvel.....	95
Referências de fontes eletrônicas.....	110
Referências de fontes bibliográficas.....	111
Ilustrações do Autor.....	112



Apresentação.

As Histórias Africana e Afro-brasileira tornaram-se de caráter obrigatório no sistema educacional na ocasião em que se deu a aprovação da Lei 10.639/03, uma vitória social e política nascida de décadas de lutas do Movimento Social Negro¹. O negro brasileiro figurou forçosamente às margens da sociedade nos tempos da colônia e do império, sem ter sua humanidade considerada pela escravidão, e seguiu assim após o término da escravatura, com as ressignificações do racismo, sem que o Estado lhe ofertasse auxílios para sanar problemas e barreiras históricas que ainda hoje o impedem de viver a plenitude da cidadania.

Toda uma população descendente dos africanos cativos seguiu por gerações discriminada, excluída e impedida de acessar qualquer tipo de oportunidade de ascensão social, e lutando em uma nação (que a rejeitou), seguiu preservando sua cultura, história e identidades, contribuindo assim para forjar o Brasil.

Em todos os momentos de avanços e dissabores dos combates sociais do Movimento Negro, uma das questões mais caras em pauta sempre foi a educação, enxergada como um ponto estratégico de possibilidades para fomentar caminhos que levassem o negro a uma equiparação em relação aos outros grupos sociais, sobretudo à população branca.

O discurso eurocêntrico enraizado na Escola, que viabilizou, e viabiliza, abordagens inadequadas da História Afro-brasileira, nos conduz a um quadro de reafirmação institucional do racismo, em um sistema educacional favorável à invisibilidade do estudante negro e produtor de condições de seu fracasso escolar.

Após as experiências em projetos escolares do dia 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra) e participação em eventos pedagógicos e acadêmicos que trataram sobre as questões étnico-raciais na educação, fui apresentado às urgências de implementação da Lei 10.639/03.

Em uma época em que eu começava no Movimento Negro da Cidade de Araguari-MG, fui lecionar em uma escola da rede Estadual de Minas Gerais em que um projeto, voltado à juventude negra, mobilizou toda a comunidade escolar, atingindo estudantes e docentes, viabilizando uma transformação na vida pessoal de cada aluno negro que daí partiu para a formação de uma identidade, tendo como princípio o assumir-se negro, anulando a invisibilidade sistêmica que antes lhes era imposta.

Foi vivenciando as propostas pedagógicas que se comprometiam a construir uma escola antirracista que obtive a inspiração para ingressar no Mestrado em História, em 2019 e explorar um ensino de História e Cultura Afro-brasileira com possibilidades de conexão do passado e presente, visando contribuir para a formação cidadã dos estudantes do ensino médio.

Nas jornadas de militância fui reeducado enquanto cidadão e fui me construindo enquanto Professor de História e enquanto negro. Sempre ouvi dizer que deveríamos ter firmeza diante dos teóricos que tentariam desconstruir nossa luta e identidades nas pesquisas universitárias, e fui resistente até certo ponto às visões acadêmicas que, até aquele momento, me pareciam perigosas em relação a tudo o que assimilei no Movimento Negro, contudo o Mestrado não era um contexto de guerra contra os saberes que eu carregava. Foi um potencializador de análises e reflexões por me arrastar para uma pesquisa ainda mais exigente que a da graduação.

1. Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visem à superação desse perverso fenômeno na sociedade. (GOMES, 2017, p 23).

O Movimento negro educa e forma seus componentes, e por isso minhas ressalvas quanto ao mudo acadêmico eram válidas. Não desprezei a academia, mas vivenciei saberes emancipatórios sistematizados pela militância, similares aos que são tratados por GOMES:

Podemos dizer que a comunidade negra e o Movimento Negro produzem saberes, os quais se diferem do conhecimento científico, mas em hipótese alguma podem ser considerados menos “saber” ou “saberes residuais. Nesse caso, o que estamos considerando como “saberes emancipatórios produzidos pelos negros e pelas negras e sistematizados pelo Movimento Negro”? Trata-se de uma forma de conhecer o mundo, da produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça numa sociedade racializada desde o início da sua conformação social. (GOMES, 2017, p.67).

Para devolver à sociedade, e sobretudo ao povo negro, e prestar contas ao Movimento Negro que me educou e segue me formando, e ainda apresentar visões de caminhos que auxiliassem ainda mais os colegas Professores no trato das relações étnico-raciais, esquematizei o presente produto com a finalidade de apresentar possibilidades de abordagens das questões do negro, com estratégias pedagógicas pensadas para a utilização por Professores de História (e dos demais conteúdos) com abordagens da temática desenvolvidas com pesquisas e reflexões na sala de aula e projetos escolares, tendo como objetivo também apresentar a importância do ensino de *História e Cultura Afro-brasileira* para desconstruir visões equivocadas a respeito da trajetória do povo negro e o período escravocrata e somar à formação dos estudantes, buscando a construção de uma consciência cidadã e antirracista. Os estudantes para os quais as propostas são direcionadas pertencem aos três anos do Ensino Médio, momento importante em que as identidades estão aflorando com o fim da vida escolar e também início de novas experiências, inclusive políticas e ideológicas de visões de mundo.

Foi pensado nessa fase final da vida escolar que levantei a questão primordial deste produto de mestrado é: *quais as possibilidades de abordagens das questões históricas étnico-raciais com ênfase no protagonismo negro e como elas realmente podem produzir reflexões e análises críticas para os estudantes do ensino médio?*

Levando em consideração os desafios e resistências encontradas em âmbito escolar, Kabengele Munanga faz um apontamento importante sobre a Lei 10.639/03, e a iniciação do jovem frente ao ensino de História e Cultura Afro diante da construção do imaginário que erigiu uma historiografia oficial sobre a África e o Brasil:

A Lei nº 10.639/03 coloca aos educadores brasileiros uma questão ainda não totalmente equacionada. Trata-se de saber que África e que Brasil negro transmitir aos alunos do Ensino Básico e Médio. A África é tão complexa e diversa que fica difícil definir por onde começar, sobretudo quando se trata de uma disciplina de iniciação do jovem num terreno repleto de preconceitos acumulados durante o período escravista e colonial que pavimentou a historiografia oficial e persiste até hoje no imaginário. (MUNANGA, 2012, p.9).

As propostas de atividades que se seguem foram pensadas objetivando romper com um imaginário de discriminação e desafiar preconceitos cristalizados em docentes e estudantes, convidando Professores a assumirem o papel de orientadores de seus estudantes em uma jornada de desconstrução, reflexão e construção de saberes históricos para agregar conhecimentos e visões humanitárias à formação cidadã dos indivíduos nos bancos escolares.

Na primeira parte temos as propostas de feiras, seminários, atividades de sala de aula que provocam a pesquisa, estudos e reflexões no instante em que os exercícios são empreendidos. Cada capítulo começa com um texto ou música reflexiva, mas não temos propostas metodológicas aprofundadas para se trabalhar com letras de músicas, ficando uma única atividade de interpretação para se refletir sobre o racismo.

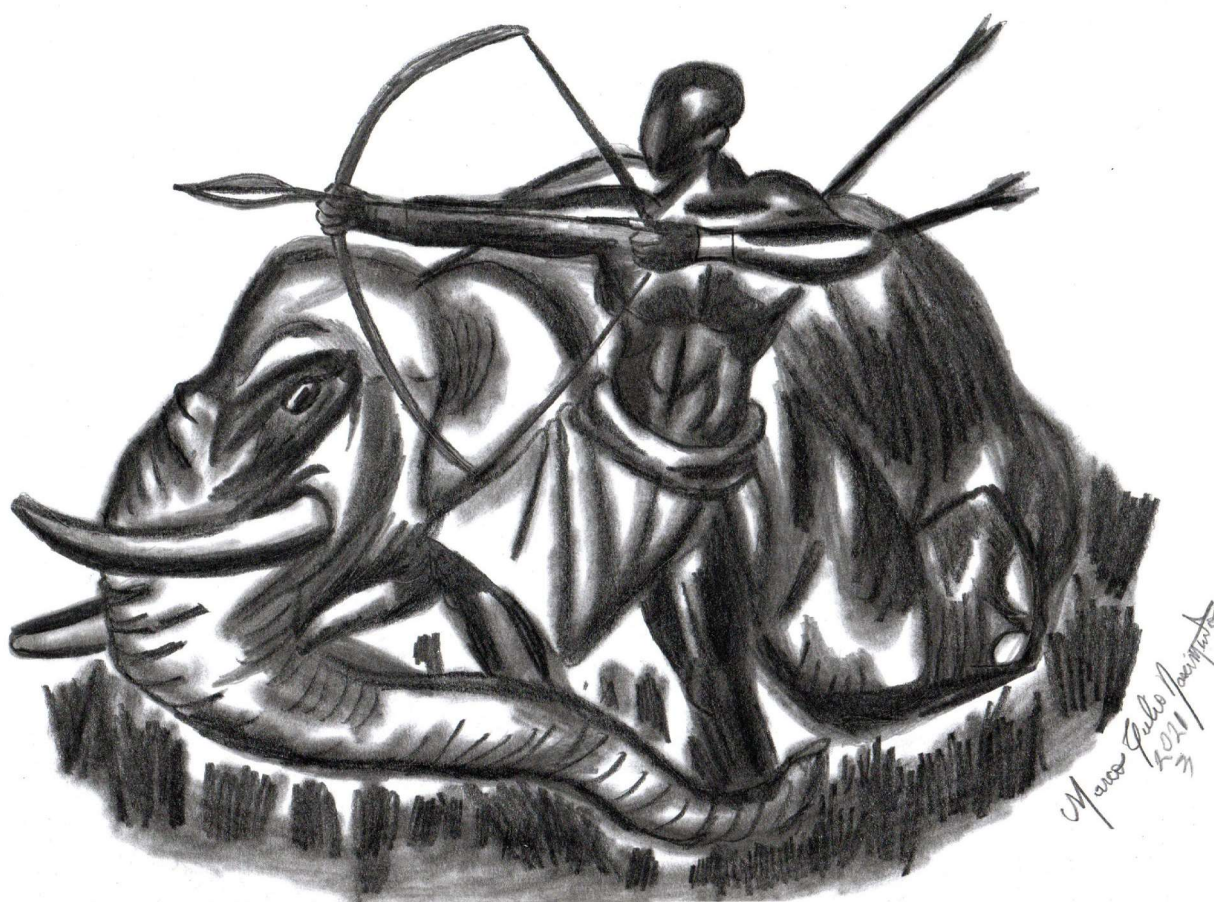
Em um segundo momento temos propostas de trabalhos com personagens do Universo Marvel, heróis negros que perpassam pelas questões de protagonismo e empoderamento. Tais atividades, principalmente com os heróis, já foram em grande parte desenvolvidas com estudantes que tive, entre os anos de 2016 e 2019, e serviram para o amadurecimento dos envolvidos e também da minha prática docente no campo das relações étnico-raciais. Assim, não vem do nada as propostas colocadas aqui, sobretudo por terem já logrado êxito nas vivências que me inspiraram a ingressar no Mestrado em História, e o trabalho com personagens que estão em voga nas mentalidades dos jovens é um atrativo e tanto para abordar o negro como ator social.

Antes de iniciarmos nossa jornada, **é importante destacar que a proposta do presente material é conduzir o (a) Professor (a) à assimilação do discurso antirracista. Usando formas de trabalhos e atividades já praticados no chão da escola, o desafio é a ruptura para com o discurso tradicional excludente que invisibilizou o negro como ator social histórico, com suas identidades e culturas.**

Entendo o racismo como um **sistema global, que afirma que existem grupos superiores e inferiores, com base na cor da pele, pertencimento étnico, entre outros recortes**, as atividades precisam de um desenvolvimento que aponte **o negro como protagonista na História, que resistiu à escravidão de diversas formas e resiste ao racismo na atualidade e precisa continuar lutando.** Ocupando espaços e se **empoderando**, com um tipo de **poder que não exige a hierarquização social ou a superioridade afro**, mas **o direito à dignidade humana e respeito às identidades africanas** enraizadas no Brasil, e igualdade de condições sociais para o exercício da cidadania sem interferir nas diferenças identitárias presentes em nosso país.

Parte I:

Abordagens conceituais, históricas e pedagógicas.



O homem dominando o mundo. Ilustração sobre o mito nigeriano que narra a conquista do mundo pela humanidade e destaca a natureza predatória do ser humano.

REFLEXÃO: O PAPEL DO HOMEM NO MUNDO!

O Trovão, o Elefante e o Homem (mito ancestral conta-do por Griots das tribos da Nigéria) por César Alves

Segundo o folclore e a mitologia nigeriana, no início, havia o mundo e seus domínios eram governados, de forma igualitária, por três senhores: o Trovão, o Homem e o Elefante – diferente da maioria dos mitos, eles não falam de um criador ou arquiteto universal da existência.

A vida era de completa harmonia, já que cada um deles respeitava o espaço do outro e a própria terra fornecia água, comida e abrigo. Todas as criaturas viviam em completa harmonia, mas, ao contrário do Trovão e do elefante, o homem não se misturava com seus vizinhos.

Certa vez, o Trovão procurou o elefante e disse:

“Vou embora. Pretendo morar no céu.”

O elefante quis saber o motivo de tamanho receio. “Aqui temos de tudo”, teria argumentado. “Vivemos em paz, temos água fresca, comida e abrigo. Por que partir, meu amigo?” Questionou.

“Estou preocupado com o homem. Ele vive planejando, inventando coisas e nunca fala conosco. Não confio nele. Na verdade, tenho medo dele.”

O elefante riu e disse:

“Medo do homem? Logo você, o mais forte de nós três! Ele é o mais fraco. O que pode fazer contra nós?”

O Trovão respondeu:

“Não sei. Mas acho que no céu ficarei mais seguro. Acom-panha-me, amigo?”

“De jeito nenhum! Estou feliz aqui e por mais que não confie no homem, eu sou muito mais forte.”

O trovão, então, despediu-se e se lançou aos céus para nunca mais voltar.

Logo, o homem, que temia o Trovão, percebeu que ele havia partido e decidiu que era hora de mostrar sua força.

Armado com as lanças e flechas que vinha preparando durante todo esse tempo ele invadiu o território do elefante que, apesar de sua força, não foi páreo para a fúria e engenhosidade das armas do Homem.

Mortalmente ferido, o Elefante gritava ao amigo nos céus:

“Trovão, você tinha razão. Acuda-me, amigo. Leve-me com você.”

O trovão respondeu:

“Não posso. Uma vez que subo aos céus, não posso mais descer.

Impotente, o trovão assistiu o Elefante sangrar até morrer.

Triste pela morte do amigo e chocado pela selvageria do homem, tudo o que fez foi soltar um grito desesperado que na terra soou como um estrondo. Suas lágrimas cruzaram os céus na forma de raios.

Até os dias de hoje, quando há tempestade, dizem os nigerianos que é o Trovão protestando contra a crueldade do homem.

Texto disponível na página intitulada “A Picada da Tocandira :Contos, Crônicas, Experimentos Narrativos e Dois Canos Fumegantes”. (<http://apicadadatocandira.blogspot.com>)

Começando a jornada:

Você e suas práticas de ensino das relações étnico-raciais.

O conto mitológico nigeriano que abre essa unidade, fala da natureza humana, em um momento em que o elefante só conheceu a natureza do homem quando era tarde. Para começar nossa jornada, sobre as possibilidades de abordagens da História e Cultura Afro-brasileira e as Relações étnico-raciais, é preciso examinar-se, conhecer-se mais uma vez, em uma breve autorreflexão sobre como tem sido suas práticas e metodologias utilizadas nas abordagens da história do negro, seu papel e protagonismo no processo de ensino e aprendizagem, para se desfazer de qualquer “natureza predatória e equivocada” evitando “destruir” as oportunidades de aquisição de novos saberes.

Para isso temos uma **Tabela Avaliativa** que possui afirmações com conceitos de abordagens e visões a respeito da participação do negro na construção nacional. E com a finalidade de explorar suas práticas de ensino, convido você, caro (a) Professor (a), a realizar a avaliação e descobrir como já trabalhou, ou não, as relações étnico-raciais até hoje:

Tabela Avaliativa.

Marque a alternativa que é condizente com suas práticas de ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira. Nas minhas aulas...		SIM	NÃO	AS VEZES
A	Independente de data alusiva ou não, o trato da história do negro no Brasil, a História e Cultura Afro-brasileira sempre é trabalhada.			
B	Quando abordo o “13 de maio”, ensino que a Princesa Isabel libertou os escravizados, sendo ela a redentora e única responsável pelo fim da escravidão			
C	Abordo a resistência negra nas mais variadas formas de lutas como a capoeira, os quilombos, revoltas... Enfatizando e contextualizando os símbolos que servem ao empoderamento negro e afirmação da identidade negra, como a figura de Zumbi dos Palmares.			
D	Foco nas torturas, castigos, vivências na Senzala e condições degradantes pelas quais o negro passou durante a escravidão.			
E	Abordo a escravidão com o objetivo de desconstruir visões racistas a respeito da contribuição do negro na formação do Brasil.			
F	Ministro aulas sobre a escravidão com ressalvas para não ofender os estudantes negros, me atendo apenas a conceitos básicos, não tratando de pontos específicos como as manifestações religiosas e visões do sagrado na cultura africana ou afro-brasileira.			
G	Tenho o compromisso de desconstruir visões depreciativas a respeito das religiões de matriz africana, incentivando o respeito e a defesa da liberdade de crença.			
H	Ensino que somos todos iguais e que a escravidão já acabou há muito tempo, e por isso vivemos em uma democracia racial, sem conflitos étnicos.			
I	Contextualizo o presente com base no passado, ensinando a História do negro no Brasil partindo da ideia que todos pertencemos a grupos sociais com construções históricas distintas, sendo nossas diferenças respeitadas e valorizadas, e que todos devemos ser tratados iguais em dignidade e direitos.			
J	Para além da sala de aula, não vejo relevância em tratar sobre racismo ou cultura afro-brasileira, uma vez que o básico é feito na sala de aula.			
K	Busco sempre saberes e conhecimentos para além da sala de aula, pois as relações étnico-raciais, a História e Cultura Afro-brasileira e o racismo são temas sociais relevantes para todos.			

Os significados de cada afirmação da avaliação:

A	Independente de data alusiva ou não, o trato da história do negro no Brasil, a História e Cultura Afro-brasileira sempre é trabalhada.	A história afro-brasileira deve ser trabalhada independente de datas alusivas (13 de maio e 20 de novembro).
B	Quando abordo o “13 de maio”, ensino que a Princesa Isabel libertou os escravizados, sendo ela a redentora e única responsável pelo fim da escravidão	Uma série de fatores, forças políticas e econômicas, dentro dos contextos nacional e internacional, levaram ao fim da escravidão no Brasil. Dentro de todo um processo histórico, o negro foi seu maior protagonista.
C	Abordo a resistência negra nas mais variadas formas de lutas como a capoeira, os quilombos, revoltas... Enfatizando e contextualizando os símbolos que servem ao empoderamento negro e afirmação da identidade negra, como a figura de Zumbi dos Palmares.	O negro resistiu à escravidão das mais variadas formas. Essa resistência hoje alimenta a afirmação da identidade e serve ao empoderamento negro.
D	Foco nas torturas, castigos, vivências na senzala e condições degradantes pelas quais o negro passou durante a escravidão.	Tomar a história da escravidão pelo viés da tortura é reforçar visões pejorativas de passividade e “vitimismo” do negro. As abordagens devem perpassar sim por vários aspectos da escravidão e sua ênfase precisa ser em pontos que engrandecem o protagonismo negro, como a resistência e lutas.
E	Abordo a escravidão com o objetivo de desconstruir visões racistas a respeito da contribuição do negro na formação do Brasil.	Abordar historicamente a escravidão com a finalidade de desconstruir visões racistas é vital para a formação cidadã e a promoção de narrativas antirracistas e valorização da cultura afro-brasileira.
F	Ministro aulas sobre a escravidão com ressalvas para não ofender os estudantes negros, me atendo apenas a conceitos básicos, não tratando de pontos específicos como as manifestações religiosas e visões do sagrado na cultura africana ou afro-brasileira.	A falta de aprofundamento no ensino de história afro-brasileira devido a temores de causar “ofensas” a estudantes afrodescendentes é um reforço às visões racistas historicamente construídas. Deve-se realizar abordagens que visem inclusive demonstrar a riqueza do protagonismo negro na história nacional o que pode servir de incentivo a construção de identidades negras em sala de aula.
G	Tenho o compromisso de desconstruir visões depreciativas a respeito das religiões de matriz africana, incentivando o respeito e a defesa da liberdade de crença.	Embora o maior campo de atuação do Professor seja a sala de aula, todo o processo de ensino-aprendizagem transpõe os muros da escola. O respeito às mais variadas vertentes do sagrado e religiões deve ser pauta no ensino de história e cultura afro-brasileira e outras disciplinas.
H	Ensino que somos todos iguais e que a escravidão já acabou há muito tempo, e por isso vivemos em uma democracia racial, sem conflitos étnicos.	Não somos todos iguais! Sofremos no presente as consequências do passado com suas permanências e ressignificações. As desigualdades sócio-raciais existem em estruturas que privilegiam certos grupos sociais e prejudicam outros.
I	Contextualizo o presente com base no passado, ensinando a História do negro no Brasil partindo da ideia que todos pertencemos a grupos sociais com construções históricas distintas, sendo nossas diferenças respeitadas e valorizadas, e que todos devemos ser tratados iguais em dignidade e direitos.	Pertencemos a grupos sociais diferentes e que deveriam ser tratados de modo igual nas formas da lei e socialmente com a mesma atenção do Estado e seus governos.
J	Para além da sala de aula, não vejo relevância em tratar sobre racismo ou cultura afro-brasileira, uma vez que o básico é feito na sala de aula.	O racismo é um problema universal que não diz respeito somente aos grupos sociais que o sofrem. É relevante em todos os âmbitos uma vez que é um problema de responsabilidade de todos.
K	Busco sempre saberes e conhecimentos para além da sala de aula, pois as relações étnico-raciais, a História e Cultura Afro-brasileira e o racismo são temas sociais relevantes para todos.	Uma formação continuada no campo das relações étnico-raciais é vital para que o Professor acompanhe os processos de promoção de uma educação antirracista. Buscar informações, saberes e ciências é vital para aprimorar as abordagens da História e Cultura Afro-brasileira.

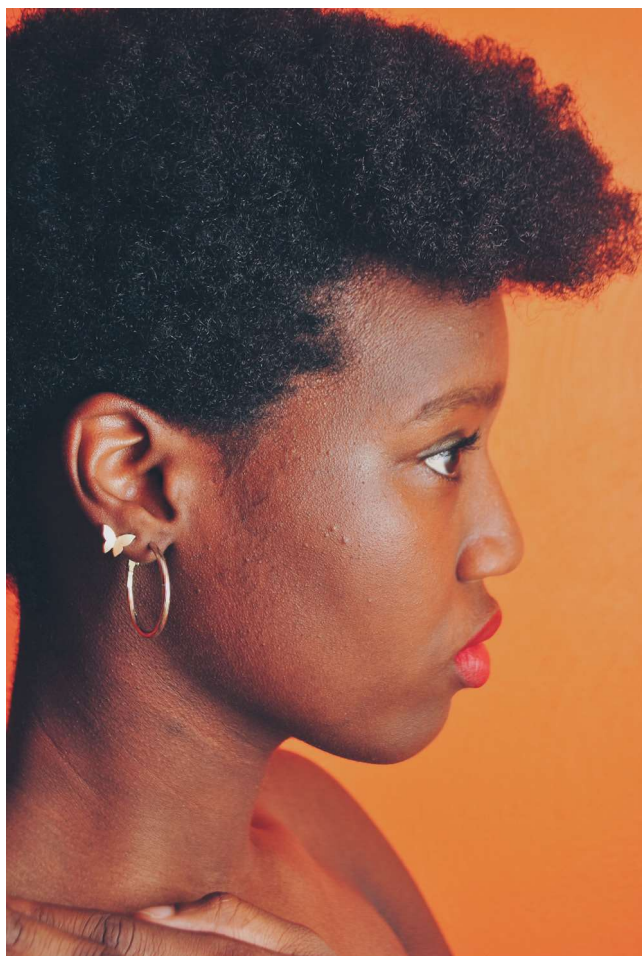
Os apontamentos da autoavaliação nos servem como norte para que sejamos capazes de vislumbrar narrativas e abordagens da História e Cultura Afro-brasileira em vertentes divididas em depreciativas e de valorização do negro como ator social e protagonista, além de servirem de princípio para uma jornada de autoconhecimento sobre nossas concepções e visões referentes às relações étnico-raciais e ao próprio racismo, tal como o lugar ou lugares do negro na História.

Assim começamos os trabalhos sobre as possibilidades para uma abordagem histórica das relações étnico-raciais no ensino médio, principiando por uma questão central colocada na Tabela Avaliativa: **A final, qual é o lugar do negro na História do Brasil?**



Lugares Afros:

Trabalhando o lugar do negro nas abordagens históricas e na sociedade.



“O negro
Tem poder
O negro tem capacidade
O negro tem liberdade de ser
Expressa sua forma de Pensar
Na maioria
Na Mídia
Como Atriz, Ator
Bandas, cantores
fazendo vencer o preconceito
Através da Fama
o Negro tem vencido
Muita Coisa e Conquistado
Seu Lugar ao sol
Anteriormente, o Negro
Viveu muitas lutas e
Guerras pela Cultura nacional
Os Negros
São Mestiços
E a África tem sua influência
do Brasil
Como o Brasil
tem sua influência da África
A Música e a dança
são seus principais
Instrumentos e Rituais
O negro merece meu respeito
O negro é um vencedor
Salve os negros do mundo”.

Autor: Pit Luz

Disponível em <https://meu.vagalume.com.br/pitluz>

O lugar do negro.

Qual ou quais os lugares do negro na História? O lugar de coadjuvante? De protagonista? Vítima? Escravizado cuja resistência fora simples e sem força? Ou de libertado por uma Princesa solidária?

A partir das vivências e experiências no chão da escola, é possível afirmar que os docentes, em geral, ainda tratam superficialmente o protagonismo negro, e as aulas ainda apresentam o “europeu/branco e cristão” como o portador da civilização, uma reprodução da tendenciosa História tradicional que permaneceu, construída em um período “sombrio”, como nos fala MOORE:

A noção de que os povos da raça negra desempenharam um papel irrisório na longa e complexa trama da humanidade foi forjada durante o recém período sombrio da História humana, constituída pela conquista das Américas e a escravização dos africanos nestas terras. Nesse sentido, os negros teriam sido, no máximo, meros coadjuvantes na História, até mesmo no seu próprio continente de origem. (MOORE, 2007, p. 38).

Abordagens depreciativas da História do negro estão vivas no sistema educacional, existindo questões escolares que seguem o eurocentrismo à risca, conforme nos conta ROCHA:

É inegável que a escola tem priorizado um currículo totalmente voltado para uma concepção de mundo eurocêntrica. Tal posicionamento segue no rumo contrário à concretização de uma proposta de currículo vinculado à realidade brasileira, com base na diversidade e no pluralismo. O contar da história, tanto da humanidade quanto do Brasil, estaria fatalmente prejudicado sem a história africana como fundamento. (ROCHA, 2012, p.22).

Tanto MOORE (2007) quanto ROCHA (2012), tratam dos lugares que a História tradicional e a própria instituição reservaram para o negro. Questionar em quais espaços o negro deve aparecer no processo de ensino-aprendizagem é fundamental para o desdobramento de uma jornada de conhecimentos ancestrais africanos que forjaram a nação brasileira, e pensando nisso caminhemos vislumbrando a proposta de trabalho **LUGARES AFROS**.

As propostas a seguir visam construir no processo de ensino-aprendizagem reflexões sobre a ocupação dos lugares históricos e sociais pelo negro. Tais propostas servem aos estudantes como base de reflexão para fomentar provocações referentes às entrelinhas da própria História e do mundo em que vivemos, pavimentando caminhos para que as estruturas do racismo, tal como suas consequências sejam enxergadas a partir de um entendimento iniciado nas experiências de pesquisas e estudos na sala de aula, projetos e feiras escolares que venham a existir nas vivências ao longo do percurso do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

Vale ressaltar que as proposições de atividades e trabalhos não devem ser tomadas única e exclusivamente sendo para os Docentes da disciplina História, mas são sugestões interdisciplinares que, a partir da História Geral e Nacional, dialogam com outros componentes curriculares, sobretudo por terem entre seus principais objetivos contribuir para a formação social e cidadã do educando do Ensino Médio.

Posposta 1- LUGARES AFROS- ONTEM E HOJE.

ESQUEMAS	TURMA A.	TURMA B.	TURMA C.
Temática	História Africana.	História Afro-brasileira.	História do Negro pós- abolição.
Metodologia.	Pesquisa comparada: os Reinos e Impérios Africanos e Escravidão e colonialismo.	Pesquisa comparada: Simbolismos da Senzala e do Quilombo .	Pesquisa comparada: A periferia/ favela e a memória da Senzala e do Quilombo.
Matéria específica.	Império do Mali , Reino de Kush , Egito Antigo, Império de Gana e Cartago . X Escravidão e colonialismo europeu na África.	A vida do negro na Senzala . X A vida do negro no Quilombo .	Favelas/ Periferias analisadas pela ótica da resistência e sobrevivência do negro brasileiro no período pós- abolição, partindo da seguinte questão: A periferia para o negro é uma ressignificação da Senzala ou do Quilombo?
Sugestão de Exercício.	Confecção de maquete comparando as “realidades históricas”, apresentando o que a África foi em termos de reinos e impérios e os momentos de invasão e escravidão, apontando os “lugares” que os africanos sempre ocuparam e os “espaços” que a História eurocêntrica os colocaram.	Realização de seminário com a apresentação da comparação das visões da História tradicional e eurocêntrica com as percepções e simbolismos da resistência negra, explorando os significados da Senzala e do Quilombo como lugares históricos da negritude. O foco é a resistência negra e a desconstrução de narrativas que coloquem o negro como vítima inofensiva	Produção de um breve documentário, de 20 a 30 min, com estudantes apresentando suas percepções sobre as condições periféricas do negro no Brasil e suas resistências.

Sugestões de onde pesquisar:

Livros:

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África. Uma história de suas transformações.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2002.

MAESTRI, Mário. **História da África Negra pré-colonial.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser Negro no Brasil de Hoje.** São Paulo: Moderna, 1994.

Sites:

serradabarriga.palmares.gov.br/ - endereço eletrônico do Parque Memorial Quilombo dos Palmares/ Fundação Palmares.

mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombo-dos-palmares. Mundo Educação/ Quilombo dos Palmares.

riononwatch.org.br - Racismo na Favela: Como os Moradores Entendem o Preconceito Racial [POD-CAST]

Sugestões de Culminância dos Trabalhos:

- 1- Exposição das maquetes com estudantes apresentando os sentidos e significados históricos dos trabalhos;
- 2- Seminário sobre os sentidos da Senzala e do Quilombo; e apresentação do Documentário sobre o Negro na Periferia/Favela.
- 3- Feira Afro-brasileira do Conhecimento.

Para realizar um seminário é necessário:

1. Solicitar aos estudantes que apresentem um material impresso contendo a temática a ser trabalhada, sendo que o próprio Professor pode fornecer o material. Textos históricos, figuras, resumos, etc, é necessário haver um recorte ou delimitação do tema, para ser explorado.
2. O professor apresentará um modelo de roteiro, com a finalidade dos estudantes criarem o seu próprio roteiro sobre o que se deve falar. Os caminhos do roteiro e a exploração do tema devem conduzir à uma problematização, com questões e reflexões.
3. Sugerir aos estudantes construir um roteiro do texto lido, enfatizando os momentos essenciais, para que durante a apresentação os mesmos sejam destacados e tomados como pontos de partidas das reflexões.
4. Os estudantes divididos em seus grupos podem usar diversos recursos (disponíveis na escola), como Datashow, lousa, giz, pincel, cartazes, figuras, etc. E todos devem falar dentro de seu momento de apresentação, sendo recomendado que se evite a leitura de textos longos durante .

Textos de apoio para as atividades e pesquisas:

Texto de apoio 1: Reinos da África (Adaptado).

Tem gente que se refere à África como se fosse um único país. Acontece que a África é um continente maior do que o nosso, a América do Sul. Reúne 54 países com riquezas culturais muito diversas. Alguns desses países já foram reinos ricos e poderosos. Se quiser conhecer um pouquinho dessa parte fascinante da história dos povos africanos, está na leitura certa!

Muitos séculos antes de os primeiros portugueses chegarem na África pelo oceano Atlântico, havia comerciantes africanos que atravessavam o deserto do Saara para levar seus produtos de um lugar a outro de seu continente, e até para a Europa e a Ásia. Eles vendiam diversos produtos, entre os quais os mais valiosos eram o sal e metais preciosos. Nessa época, a Idade Média, a África era conhecida na Europa como “terra do ouro”.

Um bom vendedor sabe que precisa ir a muitos lugares para buscar produtos e a muitos outros para apresentá-los, se quiser fazer boas vendas. Em outras palavras, um bom vendedor precisa fazer diferentes rotas de comércio. No passado não era diferente: os comerciantes africanos cruzavam o deserto do Saara com destinos variado sem caravanas que iam e vinham com muitas pessoas.

Ouro, sal e poder

O crescimento do comércio com as rotas pelo Saara trouxe muita riqueza para algumas localidades da África. E como onde há riqueza há poder, alguns reinos foram surgindo. Esses reinos eram favorecidos por terem acesso e controle dos bens mais valorizados no Norte do continente: o ouro e o sal. Os mais conhecidos entre esses reinos da África ocidental entre os séculos 10 e 14 são: Gana, Mali e Songai.

Nos reinos de Mali e Songai os soberanos (reis) se converteram à religião islâmica, fortalecendo ainda mais as ligações desta região com as rotas de longa distância comandadas por muçulmanos, que são os seguidores da religião islâmica.

A política dos Mansa (palavra que queria dizer ‘rei’ no Mali) atraiu mercadores, professores e profissionais de diferentes áreas para seu reino, tal era a riqueza local. Um dos mais famosos soberanos do reino do Mali foi Mansa Mussa, que ao realizar sua peregrinação, ou seja, seu longo caminho até Meca, cidade sagrada dos muçulmanos, entre os anos de 1324 e 1325, teria impressionado a todos com sua riqueza. No caminho, na cidade do Cairo, no Egito, Mansa Mussa teria presenteado tantas pessoas com ouro, que o valor desse metal, na época, se desvalorizou por mais de 10 anos. A fama de Mansa Mussa foi tão grande que, num mapa da África Ocidental, a figura desse soberano aparece com uma pepita de ouro na mão.

Arte, conhecimentos e técnicas

Além dos reinos de Gana, Mali e Songai, houve outros núcleos de poder na África ocidental, alguns em torno de cidades importantes como nas regiões hauçá e iorubá, que ficam hoje na Nigéria. Em Ifé, cidade sagrada dos iorubás, produziam-se, desde tempos muito antigos e com

sofisticadas técnicas de escultura, as famosas cabeças de bronze que datam provavelmente dos séculos 13 e 15. Estas obras de arte, descobertas em 1938, impressionam até hoje todos que as veem pela qualidade do trabalho artístico.

A região iorubá era urbanizada, com núcleos de poder como a região de Oiô, que chegou a exercer seu domínio sobre outras cidades da região, sendo por essa razão conhecida como um reino.

Os reinos da África ocidental também incluíam diversos povos de agricultores e minerais que criavam as grandes riquezas controladas por reis e nobres. Estas pessoas, com técnica e talento, produziram objetos de arte, inventaram instrumentos, criaram tecnologias e sistemas de trabalho que contribuíram para o desenvolvimento da produção agrícola e da mineração não só em suas regiões como para o Brasil – quando homens e mulheres foram trazidos pelo tráfico de escravizados.

Reino do Congo

Na África centro-ocidental, entre os países que são hoje Angola, Congo e República Popular do Congo, desde o século 14 ficava o antigo reino do Congo. Nesse reino, moravam povos que viviam da atividade agrícola e também comercializavam diversos produtos com grupos de outras regiões. O território do reino era dividido em pequenos povoados e seus limites eram traçados pelas aldeias que pagavam impostos ao poder central, que estava nas mãos do Mani Congo, o soberano local.

A capital do reino era conhecida como Banza Congo e, na época, era tão grande como as capitais da Europa. Os portugueses quando chegaram pela primeira vez à região do reino do Congo, em 1483, ficaram espantados com o tamanho e o esplendor dessa cidade. As construções eram impressionantes, assim como a riqueza do interior das residências. Havia na cidade verdadeiros labirintos, só conhecidos por alguns, que levavam ao palácio, onde os aposentos reais tinham paredes decoradas com finíssimos tapetes e tecidos de rafia.

Reinos sem reis

O que chamamos de reinos africanos, para ficar mais fácil de entender, nem sempre tinha uma figura de rei como nós conhecemos. Eram como cidades ricas, desenvolvidas e poderosas que dominavam outras cidades e aldeias ao seu redor. Surgiram não apenas na África ocidental, mas também na África oriental, nas regiões próximas à costa do oceano Índico.

Um exemplo de reino na África oriental? O antigo reino do Zimbábue, no sul da África oriental! Como resquício desse reino, ficaram as majestosas ruínas de pedra conhecidas como Grande Zimbabué. Entre os séculos 13 e 15, extraía-se de lá ouro, cobre e ferro, que cruzavam o oceano Índico para serem comercializados.

Antes dos Europeus...

Como podemos observar, a história da África ao sul do deserto do Saara, antes do contato com os europeus pelo oceano Atlântico, está repleta de riquezas e expressões de poder. As sociedades da época criaram formas de governo que se assemelham aos reinos e impérios que conhecemos, bem como formaram exércitos de guerreiros e guerreiras – como as ama-

zonas do Daomé. Mas, principalmente, produziram arte, conhecimentos e técnicas que se espalharam pelo mundo por meio da herança africana, que está na vida e na memória de seus descendentes e deve ser valorizada e preservada.

*Mônica Lima,
Laboratório de Estudos Africanos,
Instituto de História,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Disponível em <http://chc.org.br/artigo/reinos-da-africa/>*

Texto de apoio 2: **Impérios africanos (Adaptado).**

Os impérios africanos foram formações de Estado que abrangiam vários povos em uma só entidade. Esta formação se dava normalmente por meio de conquistas. Foram numerosos e importantes nas suas relações comerciais, políticas e culturais, e cabe-nos conhecer um pouco mais alguns deles.

Império Axum

O Império Axum data de 100 d.C., com a fundação da cidade de Axum. No século IV já eram o Estado de maior expressão do reino da Núbia e, por conta das relações no Mar Vermelho – local de articulação entre populações africanas e árabes – adotaram o cristianismo, que se espalhou em boa parte do território sob o domínio romano, inclusive no Egito.

Este Império tinha como centro de poder a cidade de Axum, ao norte da atual Etiópia. Ficava localizada num planalto, acima do nível do mar e longe do litoral. Desta forma, tiveram um grande aproveitamento de recursos mine-rais e desenvolveram o cultivo de cereais, como a cevada e o sorgo, e o Tefé que até os dias atuais compõe a base da alimentação das populações etíopes.

Próximo às comunidades agrícolas o poder era centralizado e a construção de palácios, altares era comum. Além disso várias foram as estátuas e obras de devoção encontradas. Vestígios deste Império mostram que era uma sociedade complexa, hierarquizada e diversa, que tinha como representante máximo o título de negus.

Império Zimbábue

O Império Zimbábue existiu entre os anos de 1200 e 1400, no litoral da África Austral, onde hoje estão localizados Moçambique e Zimbábue. O território era povoado por populações do tronco linguístico banto, conhecidos como shonas. Os vestígios materiais desse império foram encontrados somente no século XIX e a principal marca encontrada foi o Grande Zimbábue – ou Grande Casa de Pedra. Uma construção enorme, complexa e que demonstra ostentação e poder.

Este Império ficou conhecido por seu grande número de construções, que são testemunhos do poder alcançado por ele. Foi um poderoso Estado com hegemonia na região localizada entre os rios Zambeze e Limpopo.

Este Estado, poderoso e influente, atuava no comércio de minérios e seus governantes recebiam o título de Mwene Mutapa, o senhor das minas. Havia divisão social do trabalho bem estabelecida, com artesãos especializados no trabalho com cobre e ferro, ourives, escultores e tecelões.

Império Gana

Império Gana foi o mais antigo Estado negro que se conhece, fundado no século IV, e conquistou uma grande área onde exerceu dominação política e econômica, ao sul do que hoje conhecemos por Mauritânia, Senegal e Mali. Foi um núcleo formado pelos povos conhecidos como soninkê.

Inicialmente Gana era o título dado ao governante que atribuía sua soberania aos povos dominados. Gana conheceu seus tempos áureos após 790, quando o poder esteve sob o controle da dinastia Cissê Tunaka, exercido de forma matrilinear. Do século IX ao século XI a hegemonia de Gana foi reconhecida.

A base econômica deste império baseava-se no recolhimento de tributação, imposta aos povos conquistados e aos produtos que circulavam em seus domínios. Além disso atividades de subsistência como a pesca, a pecuária e a agricultura formavam parte importante de sua economia. Além de um poderoso exército, os soberanos tinham também ao seu dispor uma gama variada de funcionários.

A localização e seu poder hegemônico garantiam um fluxo comercial contínuo, articulando saarianos e sul saarianos, ou seja, conseguiam explorar uma importante região de comércio. Assim, do Norte vinham o cobre, cauris (os búzios), tecidos de seda e algodão e o sal, que eram trocados por marfim, escravos e ouro.

Com esta grande articulação comercial Gana conseguiu se manter como império até o século XI, quando foram derrotados diante de tropas de cavaleiros e muçulmanos do Marrocos que estavam em guerra contra os pagãos, como o povo de Gana. Gana foi, portanto, a última barreira para a entrada do Islã na região.

Império Mali

Com o declínio de Gana diversas disputas por influência ocorreram entre estados menores, paralelos e independentes, no século XII. Um desses estados era formado pelo povo conhecido por sosso, de etnia Soninke. Foi por meio das armas que estes se impuseram e alcançaram hegemonia no século XIII.

O Império Mali era formado por povos presentes na região situada entre o Rio Senegal e o Rio Níger. Dentre esses povos o mais importante eram os mandingas, conhecedores do Islã desde o século XI. Mas, além deles, outros povos formavam este império, como os soninkês, os fulas, os sossos e os bozos.

Sundjata Keita foi o maior representante do Império Mali, e estendeu sua autoridade para unidades políticas próximas, formando um estado unificado e hegemônico até o século XV.

A hegemonia do Mali na África Ocidental ocorreu por alguns importantes fatores, como a formação de um exército poderoso, o controle na extração do ouro e a existência de uma administração eficiente. Esses pontos fizeram do Mali um dos impérios mais bem-sucedidos do continente africano.

Seu representante supremo era chamado de Mansa, e residia na cidade de Niani, ao norte da atual República da Guiné. O apogeu da dinastia Keita ocorreu no século XIV, durante o governo de Kankan Mussa, o Mansa Mussa.

No final do século XIV o império enfrenta dificuldades em manter uma área tão grande e entra em processo de declínio.

Império Songai

O Império Songai está relacionado com a cidade de Gao, localizada na curva do Níger. Esta cidade foi um importante centro comercial, político e econômico, com poder militar de arqueiros que se lançavam ao Rio Níger.

Até o século XIV Gao estava sob o poder do Império Mali, mas no século XV conquistaram Tombuctu, um importante centro do Islã e ponto fundamental do comércio pelo Saara. É neste momento que ocorreu a formação do Império, num processo de expansão militar, liderados por Sonni Ali, que além de tomarem Tombuctu, conquistam também Djenné. Tinham práticas religiosas politeístas e aprimoraram as experiências do império que os sucedeu – o Mali, incorporando elementos dos impérios anteriores.

Exploravam ouro, sal e cauris e estabeleceram uma unificação de pesos e medidas que facilitava a cobrança de impostos e as trocas comerciais. Com uma grande extensão territorial, o Império Songai tinha um comércio bem organizado e um sistema de governo centralizado. Eram divididos entre uma elite e a população geral e suas cidades mais influentes eram Tombuctu, Djenné e Gao.

Por Ana Luíza Mello Santiago de Andrade

Referências: MACEDO, José Rivair. História da África. São Paulo: Contexto, 2013.

Texto de apoio 3:

O que é quilombo e quilombola?

Os quilombos surgiram como refúgios de negros que escapavam da repressão durante todo o período de escravidão no Brasil, entre os séculos 16 e 19. Como a função era de esconderijo, tiveram sucesso os locais de mais difícil acesso. Pelo mesmo motivo, se fazia necessário criar laços comunitários e promover uma autonomia para não depender de recursos externos.

Os moradores dessas comunidades são chamados de quilombolas. Depois da abolição, grande parte preferiu continuar nos povoados que formaram. Com a Constituição de 1988, ganharam o direito à propriedade e ao uso da terra em que estavam.

O quilombo mais conhecido, sempre lembrado pelos livros de história, foi Palmares, instalado na Serra da Barriga, atual região de Alagoas, mas pelo menos dois mil outros deram origem a comunidades hoje chamadas de remanescentes de quilombo ou quilombolas.

Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>

Texto de apoio 4:

Situação Desumana: A Terrível Vida nas Senzalas Brasileiras.

Entre castigos e insalubridade, homens e mulheres vindos da África enfrentavam as maiores adversidades para realizarem suas práticas religiosas e culturais às sombras

“Negras Mulheres, suspendendo as tetas negras. Magras crianças, cujas bocas pretas regam o sangue das mães”. É com as palavras de **Castro Alves** que se inicia a descrição das atrozes senzalas, espaços dedicados ao confinamento cotidiano dos negros escravizados nos engenhos de açúcar do Brasil, lugares que tentavam reproduzir a mínima salubridade necessária para a sobrevivência da mão de obra, mas desgastante o suficiente para que facilitasse o poder dos feitores.

Para começar, esqueça a imagem clássica das senzalas turísticas: debaixo da casa grande, havia um local de confinamento especial, quase que de castigo; mas a grande massa de escravizados ficava em edificações diferentes e minimamente distanciadas da casa do colonizador (afinal, é mais estratégico em caso de levantes). Aos montes, essas residências menores abrigavam, em casos de engenhos mais ricos, milhares de cativos.

Os escravos domésticos eram separados dos da lavoura, criando uma hierarquia virtual que os desunia, e havia um esforço por parte da administração em misturar povos de etnias, culturas e idiomas diferentes entre os setores das senzalas, para impedir maior articulação e prática de idiomas ou ritos não-cristãos.

Porém, fato é que existem muitas dificuldades em compreender as condições da vida cotidiana dos homens e mulheres das senzalas, o que envolve lacunas que normalmente são superadas pela arqueologia. “Em relatos históricos, geralmente impregnados de eurocentrismo, não são incomuns menções à insalubridade das casas pobres, retratadas como insuportavelmente sujas, empoçadas e enfumaçadas, [...]”

“As descrições do interior das senzalas são mais raras, já que só eventualmente preocupavam-se os cronistas em descrever seu interior”, afirma **Marcos André Torres de Souza**, arqueólogo do Museu Nacional no artigo intitulado *A vida escrava portas adentro: uma incursão as senzalas o Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX*.

Nos poucos relatos escritos sobre senzalas no século 19, o jornalista francês **Charles Ribeyrolles** trouxe uma impressão pouco surpreendente: os locais eram marcados por falta de higiene, e marcadas por infecções e insalubridades. Porém, tudo isso era, de alguma maneira, contornado pelos habitantes que, sendo seres humanos, cuidavam da saúde e realizavam práticas culturais na medida em que conseguiam, resistindo à vida cativa.

“Os itens de mobiliário são raros”, lembra Souza, mas muitos objetos encontrados em sítios coloniais provam que os escravizados nunca deixaram de coexistirem com atividades de cunho cotidiano, e até religioso, de matrizes africanas.

Homens e mulheres mantinham rituais às escondidas, muitas vezes mudando danças e liturgias para que passassem despercebidos (como é o caso da capoeira, lida como arte, e atividades religiosas com orixás, descritas inteligentemente como “brincar, folgar, cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos empeça e nem seja preciso licença” em uma exigência num tratado de paz após uma greve de escravos ocorrida no Engenho de Santana, Bahia, em 1789).

As senzalas costumavam ser ambientes sem janelas ou camas, e os escravos dormiam no chão de terra ou em esteiras de tábua. Por isso, costumava-se acender uma fogueira no seu interior, para aquecimento e iluminação.

Pela falta de cômodos, pouca privacidade havia, e muitas vezes momentos íntimos e relações sexuais ocorriam em meio à multidão confinada. O mais próximo de um banheiro que havia era uma latrina no fundo do barracão, o que fazia o interior ter um cheiro desconfortável.

Era realizada, em geral, uma refeição por dia, com comida insuficiente para uma boa nutrição (normalmente, os escravos comiam restos). A carne era rara e também tornou-se corriqueiro que, recebida a ração, ela passava novamente por um processo de cozimento num panelão manipulado por escravas, para que se tornasse mais tragável.

A falta de condições saudáveis era uma estratégia de dominação das pessoas, que eram maioria nos engenhos, o que se somava ao medo, pois na frente das senzalas sempre havia uma equipe bem armada de feitores fazendo guarda.

Por fim, fica a reflexão apontada pelo estudo já citado de **Torres de Souza**. Segundo ele, “os espaços das senzalas eram determinados pelo proprietário. Era ele o responsável por definir as características de cada residência, incluindo sua localização, limites, forma e aspecto. O mesmo, no entanto, não pode ser dito sobre sua vida interior. Embora limitados por um am-

1. Escurecimento aqui é um contraponto usado por pessoas do Movimento Negro para se referir a algo que ficou muito bem entendido, substitui a tradicional expressão “esclarecido”, em desconstrução de uma linguagem depreciativa em relação ao negro.

biente altamente normatizado, os escravos foram capazes de estruturá-lo de modo a atender suas necessidades, lançando mão, para isso, de referenciais por eles forjados”.

Texto de André Nogueira,
disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/insalubridade-castigos-e-uma-refeicao-diaria-os-horrores-das-senzalas-brasileiras.phtml>

Texto de apoio 5:

População negra, favelas e racismo estrutural: emergências negligenciadas e consequências no contexto da Covid-19.

Considero importante iniciar dizendo os motivos pelos quais optei por assim começar esse artigo, ou ao menos indicar o que se destaca entre eles. Já ouvi de muitas pessoas o quanto é chato esse “papo” repetitivo sobre racismo. A frase “ahh, mas vocês também veem racismo em tudo” é mais clichê do que a “mas eu tenho amigos negros” (pasmem)...O fato é que se vemos e sentimos o racismo, é por um motivo bem óbvio: ele existe. Tratar didaticamente sobre esse tema tem sido um exercício exaustivo, porém, cotidianamente praticado por muitas pessoas negras em uma perspectiva de desconstrução de um modelo de construção histórica da nossa sociedade que estrategicamente é disseminado e validado. Desse modo, observemos, a fim de **escurecimento**¹, a definição trazida pelo professor dr. Silvio Luiz de Almeida (2018) sobre o tema em questão: “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertencam”. Embora, segundo o antropólogo e professor dr. Kabengele Munanga, o conceito de raça não possua aplicabilidade biológica, pressupõe-se que distinções físicas entre determinados grupos indicariam qualidades e deficiências naturais abrindo largos caminhos para materialização da hierarquização entre as raças. Desse modo tais teorias representam a permissividade para estabelecer uma equivalência de concepções que sustentaram e sustentam os sistemas de dominação racial. Negligenciar o fato de que a colonização brasileira foi caracterizada pela exploração, dominação e extermínio é se contrapor à veracidade de um processo extremamente doloroso baseado nessa ideologia de hierarquia entre as raças que fundamentou, e fundamenta, as relações de poder custando a vida de milhares de pessoas negras e indígenas.

Negar a existência e a capacidade estrutural do racismo, e logo seu poder de se desdobrar em vários formatos na contemporaneidade, é, por assim dizer, alimentar a falácia de que vivemos em uma democracia racial e que este é o país das três raças que vivem harmonicamente. Brincou, né?! As consequências desse processo se mostram tanto ainda no período escravocrata, quando se estabelece um dos modos mais cruéis e desumanos de “negócio” do mundo moderno, quanto no pós-abolição onde muitos escravizados libertos foram jogados à própria sorte. As implicações resultantes desse “negócio” hediondo refletem negativamente até hoje na situação de quase 54% da nossa população.

Imagino que a partir daqui fique um pouco mais fácil de compreender os motivos pelos quais vemos racismo em tudo: é porque ele está em tudo. O racismo, desde a colonização, tem se estruturado na construção da nossa sociedade e permeado as nossas relações sociais, ou seja, acaba por ter um papel determinante na vida de pessoas negras.

Diferentemente da forma que é propagada, a “abolição” da escravatura nem de longe representou uma real ruptura, pois, na verdade, a massa de escravizados, então libertos, seguiu negligenciada sem qualquer auxílio estatal em âmbitos educacionais, de moradia ou saúde, não sendo permitido aos mesmos condições adequadas pra reconstruírem suas vidas. A essas pessoas foram negadas quaisquer oportunidades de inclusão social, propiciando situações de precarização socioeconômicas e tornando a população negra liberta alvo da política higienista que a condicionou a se distanciar dos centros urbanos constituindo o que hoje conhecemos por favelas.

Em suma, a população negra que era tida como pilar da economia brasileira passa a ser escanteada pela mesma, impulsionando processos como o de marginalização. Novamente aqui o racismo se mostra como responsável pela condição, inclusive atual, da população negra brasileira, pelas suas limitações e escassez de representatividade em determinados espaços, como aqueles considerados de poder e de decisão.

A herança escravocrata resulta num “tratamento” diferenciado à população negra, conferindo-lhe posições tidas como inferiores na sociedade. De algum modo, todo corpo negro e periférico sabe, arrisco a dizer que mesmo que em seu inconsciente, que não há risco maior do que estar no lugar que foi condicionado a ocupar. Ainda que não tenham total certeza, e nem poderiam visto o tanto de acessos limitados, se apoiam na vivência para fundamentar suas suposições.

Embora os reais motivos não estejam negritados a todos nós, nesse contexto de pandemia por conta da Covid-19, não é muito difícil enxergar que existe uma cobrança singular da prática da empatia, da responsabilidade social e da solidariedade que nunca nos foi apresentada por parte dos nossos “próximos” que, contraditoriamente, estão mais distantes de nós do que qualquer outra coisa.

A realidade das periferias brasileiras sempre contou com a presença de problemáticas que foram nutridas ao longo da nossa história e que somente foram acentuadas com a chegada da pandemia. Quem contesta essa desigualdade? Quem contesta essa condição? Considere muito rica a fala do filósofo camaronês Achille Mbembe³, em entrevista realizada para o jornal Folha de São Paulo, quando afirmou que “a pandemia democratizou o poder de matar” e trás ainda que “o isolamento é justamente uma forma de regular esse poder”. Tais afirmações só me levam a ter mais certeza do privilégio que é a possibilidade de se praticar o isolamento social em meio a essa pandemia e, conseqüentemente, ter o mínimo de poder de decisão sobre sua vida.

O cenário que menciono aqui é marcado pela violência, pelo desemprego e pela promoção do ócio. É onde as doenças se proliferam tão rápido quanto balas perdidas. Composto por famílias hegemonicamente matriarcais, muitas vezes vítimas do “aborto” paterno, que dividem casas de cômodos estreitos, insalubres, sem acesso a qualquer tipo de saneamento, como água encanada e recolhimento diário do lixo, além de, geralmente, comportar uma

quantidade de pessoas que vai bem além do adequado. Logo, se percebe que as dificuldades enfrentadas pelas tantas favelas localizadas em todo o país são decorrentes da mesma problemática: a ausência de políticas públicas e sociais (intervenções por parte do Estado que aqui representam o mínimo de reparação histórica).

O que trago aqui é somente uma das tantas formas possíveis de se interpretar a realidade social e racial brasileira, constituída sob pilares racistas e consequentemente desiguais onde é muito explícito o papel que o Estado tem assumido ao longo dos anos, quando segue favorecendo expressamente a hegemonia branca e rica à custa da naturalização das dores de pessoas negras através da manutenção de estereótipos, preconceitos e discriminação.

Ainda em entrevista, Mbembe é muito preciso em afirmar que “a lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo”, a quem prefere chamar de necroliberalismo. Existe sim um projeto de retirada de direitos, sucateamento e privatização que já estava em curso anterior à Covid-19 e que também contribuiu para que chegássemos a esse ponto de colapso. Contudo, anterior ao vírus, e em maior proporção, temos o projeto de genocídio da população negra que sempre esteve materializado na negação das garantias fundamentais e na retirada de direitos, que não se restringe somente ao campo da saúde pública, mas que tange tudo o que conquistamos a duras penas até então.

O racismo é tão perverso que culpabiliza o indivíduo não só pela condição vulnerabilizada a qual se encontra, mas ainda o responsabiliza por qualquer consequência que a mesma possa trazer. É o caso das milhares de pessoas que se amontoam nas longas filas das agências bancárias à espera de um auxílio, que deveria honrar a nomenclatura que recebe (emergencial). Fica evidente o desinteresse do Estado em fornecer uma estrutura adequada para a entrega do benefício, fazendo com que os usuários e usuárias desse serviço optem por morrer de fome ou se arriscarem ao contágio. Uma manifestação expressa do racismo estrutural.

Para concluir, Achille continua dizendo que “esse sistema sempre operou como um aparato de cálculo. A ideia de que alguém vale mais que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado”. A lógica neoliberal que orienta as ações do Estado não só garante que as poucas medidas adotadas tornem necessidades secundárias como prioridade, como ainda alimentam e legitimam a necropolítica (como o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer a partir da hierarquia racial posta) e ignoram os direitos humanos sem sentir o menor constrangimento. Afinal, a casa grande não enfrenta filas de lotéricas.

REFERÊNCIAS:

1. ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
2. MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação – PENESB – RJ, 05/11/03.
3. MBEMBE, Achille. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da ‘necropolítica’ [Entrevista concedida a Folha de São Paulo] concedida a Diogo Bercito.
4. QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

Texto de Suzana Santos, disponível em <https://marcozero.org/racismo-coviid-19>

Posposta 2: LUGARES AFROS

O BRASIL SEM LUGAR PARA O NEGRO.

O Brasil teve inúmeros projetos para sua consolidação nacional, dentre eles houve o **projeto do branqueamento** racial da população. Para as elites governantes, o ideal seria espelhar-se na Europa e um grande entrave era a população negra – maioria gerada pelo grande fluxo do tráfico de seres humanos retirados da África. No século XIX havia o medo constante do haitianismo ou haitização do Brasil, o temor de que os escravizados seguissem o exemplo dos fundadores da República Negra do Haiti, que inclusive exterminaram brancos em sua rebelião.

No projeto de nação, naturalmente os negros nunca foram incluídos, na verdade a ideia de cidadania na história brasileira foi atrapalhada pela escravidão, com parte considerável da população sendo de cativos na colônia e no Império, como nos conta CARVALHO, ao se referir aos números de escravizados:

O fator negativo para a cidadania foi a escravidão. Os escravos começaram a ser importados na segunda metade do século XVI. A importação continuou ininterrupta até 1850, 28 anos após a independência. Calcula-se que até 1822 teriam sido introduzidos na colônia cerca de 3 milhões de escravos. Na época da independência, numa população de cerca de 5 milhões, incluindo 800 mil índios, havia mais de 1 milhão de escravos. (CARVALHO, 2012, p 19).

Para solucionar a questão numerosa de negros, foi amplamente defendida pelas classes dominantes o **Projeto de Branqueamento**- a promessa de que em um período de 100 anos o Brasil não teria mais negros, e nem indígenas, erradicando também as culturas e história dos não brancos. Foi o momento das propagandas e incentivos para que imigrantes europeus viessem. Para ROCHA, tal projeto pode ser descrito como:

Conjunto de ideias que defendiam a miscigenação, com o objetivo, por intermédio de casamentos inter-raciais, transformar o Brasil em um País branco e, conseqüentemente, promover um processo de extinção raça negra. Essa ideologia teve grande aceitação pelas elites brasileiras, de 1870 a 1930. Transformar o Brasil, que era um país negro e mestiço, em um País branco foi um projeto implementado seriamente pelos cientistas e políticos daquela época. (ROCHA, 2013, p 27).

Após tal reflexão histórica sobre o ideal de “um Brasil mais Europeu”, a proposta para se trabalhar em sala de aula é a questão do **Negro excluído do projeto político de nação brasileira**, desenrolado ao longo dos séculos XIX e XX, que não logrou êxito em “branquear” a população, mas retirou a plenitude da cidadania das pessoas negras e criminalizou suas culturas.

A proposta 2 é de um questionário com provocações e reflexões desdobradas a partir da leitura do Professor com os estudantes do breve texto de Regiane Augusto de Mattos:

Fragmento de texto:

Após a abolição da escravidão, os negros africanos e seus descendentes tiveram de enfrentar o problema do ingresso no mercado de trabalho livre. Nessa época, o governo republicano (representante dos interesses dos grandes cafeicultores) promoveu uma campanha de branqueamento da população, visando à europeização do Brasil e a eliminação da herança biológica e cultural africana. Para a elite brasileira, o negro, por conta de seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”, era um empecilho à formação de uma nação, pretendida o mais próximo possível da civilização. Portanto o negro deveria ser excluído da sociedade brasileira, sendo proibida a sua entrada no país. O ideal da evolução étnica brasileira seria a pureza da raça branca.

(MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. 2ª ed.- São Paulo: Contexto, 2012. p. 186.)

A leitura do fragmento acima nos apresenta uma questão importante: o **branqueamento** ou **embranquecimento racial** como projeto nacional que não vislumbrava lugar ou lugares para a negritude no Brasil. Sobre isso, debata as questões e as responda:

1. O texto afirma que logo que se deu o fim da Escravidão (1888), os negros enfrentaram problemas para ingressar no mercado de trabalho. Tal realidade permanece hoje? Existe conexão da atual realidade com a do passado de escravidão?

2. A partir da leitura do texto, como podemos conectar o incentivo da imigração europeia com as visões racistas que sempre existiram entre os grupos dominantes na História do Brasil? Na sua opinião, hoje existe a valorização das raízes africanas brasileiras por parte dos Governantes? Se sim, como?

3. O texto fala que “O ideal da evolução étnica brasileira seria a pureza da raça branca”, referindo-se ao projeto de branqueamento racial. Sobre isso realize uma pesquisa e enumere pontos históricos que demonstram os fatores que levaram tal projeto racista ao fracasso, enfatizando a resistência e o empoderamento do povo negro brasileiro.

Pesquise a trajetória do Movimento Negro no Brasil e suas influências internacionais; as manifestações e contribuições culturais do negro; os espaços de poder que negras e negros ocuparam na política, mundo do trabalho, ciência e tecnologia. Após a pesquisa, redija um breve texto conectando os dados levantados, contextualizando historicamente e enfatizando as lutas do negro nos séculos XX e XXI.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Sugestões de pesquisa:

Livros:

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África. Uma história de suas transformações.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2002.

MAESTRI, Mário. **História da África Negra pré-colonial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.

Sites:

<https://serradabarriga.palmares.gov.br/>- endereço eletrônico do Parque Memorial Quilombo dos Palmares/ Fundação Palmares.

<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombo-dos-palmares>. Mundo Educação/ Quilombo dos Palmares.

<https://rioonwatch.org.br> - Racismo na Favela: Como os Moradores Entendem o Preconceito Racial [PODCAST]

*** O Trabalho pode ser feito em grupo.**

****A pesquisa e o texto podem ser apresentados em forma de Seminário.**

4. A autora afirma que o governo republicano “*promoveu uma campanha de branqueamento da população, visando à europeização do Brasil e a eliminação da herança biológica e cultural africana. Para a elite brasileira, o negro, por conta de seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”*”. Tal afirmação aponta ações políticas de natureza racial. Hoje temos leis que foram pensadas para combater o racismo. Realize uma pesquisa em sites sobre **Políticas Públicas de Igualdade Racial** e responda:

Sugestão para a pesquisa em endereços eletrônicos:

<https://www.geledes.org.br/politicas-de-igualdade-racial-refazendo-o-feito-e-o-desfeito>.
<https://www.geledes.org.br/relatorio-aponta-retrocessos-em-politicas-publicas-do-brasil>
<https://nossacausa.com/lelia-gonzalez-discriminacao-racial>

- a) O que são Políticas Públicas de Promoção de Igualdade Racial?

- b) Cite 03 (três) Políticas Públicas de Promoção de Igualdade Racial existentes hoje.

- c) Tais políticas alcançaram bons resultados? Se sim, quais?

- d) Se as essas políticas deram bons resultados, a população negra foi realmente beneficiada pela Promoção de Igualdade Racial? Se sim, como?

- e) Na sua cidade o poder público combate o racismo? Existe algum órgão da Prefeitura responsável pela implementação das Políticas Públicas de Promoção de Igualdade Racial? Se sim, qual é o órgão e o que ele tem feito?

- f) Qual fundamentação histórica ou conexão com o passado que podemos utilizar para argumentar ao sermos questionados sobre a razão da existência de Cotas Raciais nas Universidade e Concursos Públicos, que são Políticas Públicas de Promoção de Igualdade Racial?

Posposta 3: LUGARES AFROS

O NEGRO E OS ESPAÇOS NA SUA CIDADE.

Pesquisa de Campo:

(Recomenda-se não realizar em tempos de Pandemia).

Observando seus professores, os representantes políticos, médicos, donos de estabelecimentos, em seu município, enumere quantos são negros. Realize uma pesquisa sobre a presença de negros nos espaços de poder, chefia e liderança e preencha a tabela.

Passo 1: Para conduzir seu trabalho siga um roteiro de pesquisa/ entrevista. A ação se dará por meio de entrevistas - **recomenda-se que o anonimato dos participantes e nomes das instituições sejam preservados:**

- a) Qual Lugar no mundo do trabalho? Sugestões -Poder público, Escola, Universidade, Hospital, Comércio, Indústria/ Fábrica, etc.
- b) Se declara negro? Quantos negros?
- c) Qual a ocupação da pessoa negra?
- d) Qual a formação da pessoa negra?

Tabela da Pesquisa.

Lugar.	Número de Pessoas Negras.	Ocupação	Formação/ Escolaridade.

Após o preenchimento da tabela, o relatório deve ser produzido utilizando-se os dados colhidos e reflexões feitas a partir das seguintes questões norteadoras:

Questões norteadoras.

1. O acesso ao mercado de trabalho é igual para negros e brancos?
2. Quais as dificuldades que os negros enfrentam no mundo do trabalho?
3. As empresas/ Instituições promovem ações de combate ao racismo? Se sim, quais ações são essas?
4. Existe a representatividade negra em postos de comando/ chefia?
5. Qual a importância do negro se sentir representado no poder público ou em outros lugares sociais?

Sugestões de Culminância dos Trabalhos:

Ao final das pesquisas, os estudantes podem apresentar suas percepções e conclusões, em uma roda de conversa mediada pelo Professor.

Abordando a escravidão em sala de aula:

Desconstrução, criticidade e possibilidades para analisar a resistência negra.



Zumbi, pintura feita em 1927 por Antonio Parreiras (1860 – 1937). Acervo do Museu Antonio Parreiras, Niterói-RJ.

Disponível em <https://brasilianafotografica.bn.gov.br>

“Negro Zumbi.

Zumbi, o teu grito ecoou
No Quilombo dos Palmares
Como um pássaro que voou
Tão liberto pelos ares
Um grito de dor e de fé
Ficou registrado na nossa história
Pela luta, pelo axé
pela garra, pela glória

Negro Zumbi, negro Zumbi
Negro Zumbi, negro Zumbi

Contra a força inimiga
A defesa da família
Lá na Serra da Barriga
Permanente uma vigília
Foi preciso o tombamento
pela identificação
Foi o reconhecimento dessa terra
Na história da nossa nação
Negro Zumbi, negro Zumbi
Negro Zumbi, negro Zumbi

Quem te faz homenagem
É a banda afro Mandela
Da cultura da raça essa banda
É sentinela.”

Autora: Leci Brandão

Disponível em <https://www.vagalume.com.br/leci-brandao/negro-zumbi-2.html>

ESCRavidÃO BRASILEIRA.

No Brasil o Racismo gerou diversos componentes da sociedade. O pior deles foi a Escravidão. Na história dos povos tivemos diversos sentidos para o escravagismo e tal prática nem sempre teve uma natureza de racialização para ser justificada. Na própria África haviam Estados soberanos que, após derrotarem seus inimigos em guerras, levavam como cativos os vencidos:

Os cativos podiam ser obtidos em guerras entre os próprios estados africanos, incentivadas por processos de expansão. Nesse caso, os povos subjugados passavam a ser tributários e submetidos à servidão. As disputas políticas motivadas, por exemplo, pelo rapto de mulheres das linhagens mais importantes, resultavam igualmente na escravização de pessoas. Na tentativa de sobrevivência, a fome ocasionava a venda de si mesmo ou de parentes, e os castigos penais por crimes ou por dívida eram outros meios de escravização na África. (MATTOS, 2012, p 65).

MATTOS (2012) se refere a práticas comuns e anteriores ao século XV e do estabelecimento de relações comerciais na bacia do Atlântico pelos europeus. Tais práticas apareciam similarmente entre muitos povos europeus. Agora o que houve após a Expansão Marítima Europeia e suas invasões aos continentes africano, americano e asiático foi o estabelecimento da escravatura racializada.

Por causa do mito da superioridade do homem branco, cristão e europeu, a escravidão nas colônias de Portugal tem um sentido mais violento e cruel que os anteriores (não que seja ameno ou brando qualquer tipo de escravização). A Escravidão no Brasil não pode ser vislumbrada somente como um conjunto de trabalhos forçados e desumanos. Ela é isso também, mas não apenas isso.

Historicamente, a partir dos séculos XV e XVI, temos as raízes do longo domínio escravocrata das nações europeias sobre os povos da África. Foi nos tempos da expansão marítima ou grandes navegações que a escravidão tal como conhecemos foi ganhando forma.

A ideia “normalizada” de trabalho escravo que aprendemos nos livros não nos causa tanto espanto por soar apenas como relações de trabalhos entre negros dominados e brancos dominadores, mesmo que sejam trabalhos forçados. Mas a escravidão foi muito além. **Ela não pode ser vislumbrada como um sistema trabalhista desumano. É algo que vai além da esfera do trabalho. Ela retirou o sentido de humanidade dos que foram escravizados. O escravizado não era considerado um ser humano. Assim como qualquer propriedade, ele tinha um dono.**

O exercício de poder sobre o “não humano” / escravizado abarcava esferas importantes que nos fazem compreender melhor os campos da escravidão e ainda explica as dimensões das dinâmicas sociais e o significado do domínio do branco sobre o negro:

Assim, na sociedade escravista, o domínio do senhor sobre o escravo se constitui no eixo fundamental de exercício de poder, tanto na esfera econômica quanto na política e ideológica. Esse eixo vai constituir um ponto central em torno do qual se articula toda a estrutura de poder, e se desenvolve o conflito que acabará por dar a tônica da dinâmica social. (GUIMARÃES, 2012, p 165).

O próprio termo ESCRAVO, deliberadamente usado, carrega a concordância para com a ideia de que negros/ indígenas teriam nascido inferiores e para a escravidão, enquanto ESCRAVIZADO é o reconhecimento de um ser humano que teve seus direitos de liberdade e humanidade violados e retirados.

Deve haver uma contextualização historicamente embasada sobre o uso do termo, para a promoção de um entendimento crítico por parte dos estudantes ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem para que não apontem como “errado” ou “certo”, mas para que sejam capazes de partilhar o entendimento dos sentidos e significados passados e presentes da escravidão do negro na sociedade brasileira. E pensando nisso, apresento propostas para abordagens de tal temática.

Posposta 1: VISÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

TRABALHANDO SENTIDOS, SIGNIFICADOS E RESISTÊNCIA.

Fragmento de texto (adaptado):

“Os escravos iam e vinham como testemunham as escrituras e ao talante de senhores mais ou menos racionais porque mais ou menos iluminados por uma tal lógica capitalista ou lógica de mercado. A teoria do escravo-coisa completa aqui o seu percurso: coisa por ficção do direito (...) ; negros cujo cativeiro havia causado ‘o embrutecimento de seus espíritos’ (...) embotando-lhes a consciência’ (...) ; escravos que se auto representavam ‘incapazes de ação autônômica’, no livro famosos de Fernando Henrique Cardoso; finalmente o escravo-mercadoria, apenas mais um item nos cálculos dos débitos e dos haveres de negociantes e proprietários, ou nas complicadas estatísticas dos historiadores economistas.”

(CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 47.)

Em sua obra, *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, o Historiador Sidney Chalhoub, trabalha as abordagens históricas com o objetivo de apresentar o processo e contexto a partir da análise de visões distintas sobre a escravidão, liberdade e o negro cativo. O autor explora demandas judiciais e processo que apura uma rebelião de escravizados. Sua obra nos oferece provocações e reflexões sobre a condição do negro nos tempos escravagistas, e sobre isso, após a leitura do fragmento a cima responda as questões:

1. Com base no texto, é correto afirmar que o negro escravizado era vislumbrado como um ser humano com a plena dignidade? Justifique sua resposta.

2. O fragmento do texto nos apresenta termos de coisificação do negro, desconsiderando-o como pessoa e indivíduo. Copie tais termos e explique como o capitalismo promoveu o aprofundamento da escravidão e o enraizamento do racismo em nossa cultura.

3. Muitas ideias presentes no texto, ainda estão vivas em nosso cotidiano. A questão da depreciação da pessoa negra é um dos legados da escravidão que a sociedade ainda não superou. Analisando nossa realidade, como podemos contribuir para desconstruir ideias de inferiorização do negro e sua cultura no Brasil?

4. O autor começa sua obra abordando o inquérito sobre uma rebelião, sublevação dos negros cativos, fala de planos feitos entre eles para o motim. No trecho que diz que os “negros cujo cativo havia causado ‘o embrutecimento de seus espíritos’ (...) embotando-lhes a consciência” ele faz referência ao pensamento elitista da época, falas rotineiras das elites e senhores de escravos. A ideia de que o negro não possuía noção de sua realidade e de que deveria lutar é algo presente no imaginário social de hoje, mas temos visões diferentes que apresentam o protagonismo negro.

Sobre as lutas negras, vamos pesquisar¹ a resistência e protagonismo e preencher a tabela :

13 Revoltas Negras que marcaram a História Brasileira.

Revolta.	Ano e Local	Causas	Objetivos.	Desfecho final.
1. Quilombo de Palmares.				
2. Quilombo do Quariterê.				
3. Revolta do Engenho Santana.				
4. Revolta dos Búzios (dos Alfaiates/Conjuração baiana).				
5. Revolução Pernambucana				
6. Revolta das Carancas.				
7. Revolta dos Malês				
8. Balaiada				
9. A revolta de Manoel Congo				
10. Revolta de Queimado				
11. A Greve Negra.				
12. O levante dos jangadeiros e o Dragão do Mar (Chico da Matilde)				
13. Revolta de Cantagalo				

1. Sugestão de pesquisa:

<https://guianegro.com.br/13-revoltas-revolucionarias-para-o-povo-preto>.

<https://guianegro.com.br/13-revoltas-revolucionarias-para-o-povo-preto>

<https://www.proust.com.br/post/revoltas-negras-no-brasil-e-o-exemplo-de-luiz->

5. Após pesquisar as lutas e revoltas do negro na História do Brasil, aprofunde seus estudos, pesquisando em sites, listando formas de resistência utilizadas por ele no cotidiano.

Sugestão de pesquisa em site:

<https://guianegro.com.br/13-revoltas-revolucionarias-para-o-povo-preto/>

<https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/Revoltas-escravos-no-Brasil-do-s%C3%A9culo-19>

<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/resistencia-negra-a-escravidao/>

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Posposta 2: VISÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

TRABALHANDO SENTIDOS, SIGNIFICADOS E RESISTÊNCIA.

1. Construindo um Álbum Histórico.

Para seguirmos explorando as resistências negras, a proposta é confeccionar um Álbum Histórico, com imagens de líderes, descrevendo brevemente suas biografias e as causas pelas quais lutaram nos tempos da escravidão. Aproveite a pesquisa sobre as 13 Revoltas listadas na Tabela, na questão 04 da Proposta 1. O material deve ser organizado em ordem cronológica.

O trabalho pode ser em grupo ou individual.

Os caminhos para a confecção do Álbum são:

- 1- Escolha as personalidades que farão parte de seu Álbum em pesquisa em livros e endereços eletrônicos (a internet está cheia de biografias);
- 2- Caso exista alguém, as figuras podem ser desenhadas ou imagens podem ser recortadas e coladas para ilustrar as personalidades.
- 3- O texto biográfico deve sim trazer aspectos importantes da vida da personalidade, mas se deve enfatizar a sua relevância social e contribuições históricas, sobretudo para as lutas e questões ligadas ao povo negro.
- 4- Cada personalidade será o tema de um capítulo, devendo haver um texto de apresentação mencionando as biografias escolhidas.

2-Feira Afro-brasileira de Conhecimento: Resistências negras-Ensino Médio. Sugestão de culminância: semana do 20 de novembro.

Ano.	1º Ano.	2º Ano.	3º Ano.
Tema.	Resistência Negra no Brasil Colônia.	Resistência Negra no Brasil Império.	Resistência Negra no Brasil Republicano.
Conteúdos.	1-Resistência negra em solo africano ao colonialismo. 2-Escravidão e Comércio no Mundo Moderno. 3-Tráfico de Seres Humanos (Negreiro). 4-Diáspora Africana. 5-Quilombos e outras resistências negras.	1-Resistência negra no cotidiano- Afirmções da Africanidade: Folias de Reis, Capoeira, Congado e religiosidade. 2-Leis Abolicionistas, seus significados reais e intencionalidades. 3-Revolta dos Malês. 4-O negro militar na Farroupilha e na Guerra do Paraguai. 5- 13 de maio e seus mito.	1-Branqueamento Racial e imigração. 2-Musicalidade afro-brasileira no século XX. 3-Movimento Social Negro. 4-empoderamento Negro e espaços de poder. 5- Políticas Públicas de Igualdade Racial e combate ao legado da escravidão.
Metodologias	Pesquisas em livros didáticos, páginas virtuais que possibilitem a construção de textos, embasamento histórico para confecção de cartazes, maquetes, etc... Com a coordenação dos professores envolvidos. Veja endereços eletrônicos e obras, usados e já sugeridos neste material.	Pesquisas em livros didáticos, páginas virtuais* que possibilitem a construção de textos, embasamento histórico para confecção de cartazes, maquetes, etc... Com a coordenação dos professores envolvidos. Veja endereços eletrônicos e obras, usados e já sugeridos neste material.	Pesquisas em livros didáticos, páginas virtuais que possibilitem a construção de textos, embasamento histórico para confecção de cartazes, maquetes, etc... Com a orientação dos professores envolvidos.

**Produto/
Apresentação/
Resultado.**

1-Sala ornamentada com, cartazes maquetes, mascaras africanas que possibilitem visualizar grupos que lutaram contra os invasores europeus.
2 e 3 - Mapas que apresentem as rotas dos traficantes de seres humanos, maquetes dos Navios Negreiros acompanhados apresentados com explicações críticas a respeito do tratamento dado aos cativos pelos europeus e ênfase no simbolismo de morte física e tentativas de morte identitárias que os tumbeiros simbolizaram.
4-Apresentação do conceito de Diáspora (saída forçada) dos povos africanos, com cartazes que ilustrem as mais variadas culturas afros que se espalharam, seja na culinária, religiosidade, influências nos idiomas, etc.
5- Montagem de sala -quilombo/ mocambo: confecção com papelão, argila ou outro material do busto de Zumbi e de Dandara dos Palmares/ ou desenhos dos líderes do Quilombo dos Palmares.
Montagem Maquetes que representem a estrutura de quilombos.
Apresentação de textos e poemas que apresentem a memória de Palmares e seu significado para o Movimento Negro, além do simbolismo do 20 de novembro.

1-Convidar representantes locais que pertençam aos Ternos da Congada, as Companhias de Folias de Reis e aos Grupos de Capoeira, para participarem de uma roda de conversas onde cada um contará suas experiências.
Ornamentar salas distintas que tratem das 03 (três) manifestações de cultura afro-brasileira, sendo cada uma local de exposição de maquetes, cartazes e até apresentações dos referidos grupos.
Em uma roda de conversa a parte, um sacerdote ou praticante de credo religioso de matriz africana pode ser convidado a ministrar palestra sobre o sagrado afro.
2-Apresentar em Linha do tempo as Leis que entraram para a História como Abolicionistas, em banners, faixas ou cartazes que listem cada lei acompanhada da crítica histórica referente aos resultados vivenciados pelo negro à época de cada uma.
3-Ornamentar sala com figuras e representações de negros muçulmanos coma a intenção de resgatar a memória da Revoltas dos Malês e seus objetivos, tal como enfatizar sua religiosidade.
4-Exposição de memória aos Lanceiros Negros que lutaram na Farroupilha e os soldados Negros que participaram da Guerra do Paraguai. A exposição deve focar em visões críticas e enfatizar o protagonismo negro.
5-Promover roda de conversas, onde os visitantes da Feira passem por um breve questionários sobre como aprenderam a História da Abolição da Escravatura. Após o breve teste, fatores contextualizados sobre as causas do fim da escravidão devem ser apresentados com a finalidade de desfazer mitos construídos sobre a Princesa Regente Isabel. Cartazes e outros meios podem ser usados.

1-Apresentar as propostas políticas de embranquecimento racial como projeto para o Brasil, conectando a questão da imigração e favelização do negro em cartazes, maquetes, etc...
2-Apresentar músicas afros que carregam a mensagem de resistência e ancestralidade do negro, coma grupos musicais da cidade. construir uma linha do tempo para mostrar como os músicos negros foram progredindo nos espaços artístico-culturais, explorando o samba, pagode, carnaval e até vertentes internacionais.
3-Confeção e distribuição de panfletos com palavras de ordens e objetivos do movimento negro, tendo ao verso a breve História de lutas sociais e políticas do negro no Brasil. Todos os visitantes da Feira devem receber.
4-Apresentação de biografias de negras e negros que contribuíram para os diversos campos de conhecimentos, os que influenciaram a política, os esportes, etc, em sala ornamentada com as figuras marcantes escolhidas.
5-Apresentação das Leis, ações afirmativas e políticas públicas que visam combater o racismo. Sugere-se que um folder /panfleto seja confeccionado para a distribuição aos visitantes, contendo a listagem de leis e políticas que tratam das questões étnico raciais no Brasil.
Deve-se dar ênfase às permanências da escravidão hoje e aos avanços e conquistas dos negros em lutas diversas.

Formas de resistência que podem ser exploradas em pesquisas e estudos para a realização da Feira, e que deram origem à diversidade cultural em que os brasileiros vivem hoje, para além da música, culinária e outras contribuições:

1. O suicídio: a morte por sentir falta de sua terra, depressão que o escravizado desenvolvia na travessia da África para a América e que levava ao suicídio era chamada de Banzo- saudade. Pode ser trabalhado com uma leitura crítica sobre as mortes que os povos africanos sofriam. O Banzo representa a morte do cotidiano, a certeza de que não haveria mais o retorno ao lar, a morte das relações familiares já que muitos se perdiam de seus entes e clãs, um gatilho que acionava a morte física por levar ao suicídio. Dar fim a própria vida, não era prática somente a bordo dos navios negreiros, é um ato recorrente ao longo da escravidão;

2. A capoeira: foi uma das mais relevantes e significativas formas de resistências do povo negro. Os senhores ao vislumbrarem a ginga em roda dos escravizados, pensavam que era uma simples dança, quando na verdade constituía-se em momentos de aperfeiçoamento de defesa com os pés. Com facas e objetos cortantes escondidos dos olhos dos dominadores, os negros atacavam e se defendiam em levantes praticando a capoeira. Ela chegou a ser criminalizada, mas na década de 1930, foi colocada na legalidade e hoje é reconhecida como a arte marcial brasileira e patrimônio imaterial da humanidade pela Organização das nações unidas;

3. A fuga: era um verdadeiro pesadelo para os senhores de escravizados. Na verdade, simples ameaça de fuga já servia para dar início tanto a rígidas represálias e aumento da carga de trabalho, quanto a negociações entre os cativos e seus dominadores. Entre os escravizados podia haver a simulação de planejamento de fugas, com a finalidade de conseguir algo. Levantes e rebeliões, eram o portal para fugas em massa. Era assim que os famosos quilombos ou mocambos eram formados;

4. Os Quilombos: quilombos ou mocambos eram comunidades independentes, na maioria das vezes não muito isoladas, que interagiam socialmente comercializando sua produção agrícola. Havia um governo e formas de administração, além de alianças com indígenas, pequenos comerciantes e agricultores. Para FAUSTO:

Os quilombos, ou seja, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial. Palmares- uma rede de povoados situada em uma região que hoje corresponde ao Estado de Alagoas, com vários milhares de habitantes- foi um desses quilombos e certamente o mais importante. FAUSTO, 2013, p 47.

Os quilombos são reconhecidamente uma das maiores e mais relevantes formas de resistência do povo afro-brasileiro e devem ser apresentados, em simbolismo e sentidos de poder negro, como o oposto da Casa Grande (morada dos senhores escravocratas). A senzala não era a “morada” do negro, mas uma invenção branca, um lugar de humilhação e opressão. Os mocambos ou quilombos são o contrário, daí a importância do Quilombo dos Palmares (o maior quilombo brasileiro, que se localizava onde hoje é o estado de Alagoas) e do Rei Zumbi- figura que carrega os sentidos e significados da luta do povo negro, que morreu em uma emboscada em 20 de novembro de 1695. Uma conquista do movimento negro foi o estabelecimento do Dia Nacional da Consciência Negra na data da morte de Zumbi dos Palmares;

5. A religiosidade afro: falar de religiosidade africana é um tabu por haver uma maior manifestação de preconceitos no tocante à temática. Somos uma nação com tradições cristãs impostas pelos colonizadores brancos europeus. Tais colonizadores foram protagonistas de um violento ataque às identidades africanas com a coerção doutrinária que catequizava e batizava, tornando o cativo católico, e mais tarde a Igreja protestante também participou do processo de ataque ao sagrado africano apontando como profanos os cultos e Orixás (deuses) do povo negro. Os cultos afro-brasileiros resistiram, foram camuflados aos olhos dos opressores e ressignificados, dando ao Brasil hoje diversas religiões de matriz africana como a Umbanda e Candomblé, que são de influência africana.

Atenção: o que pode ser depreciativo e pejorativo na Feira Afro:

Frases que aparecem em trabalhos escolares falas de professores e estudantes, que reforçam o racismo e servem para tirar a legitimidade da luta e resistência negra.

1- “Somos todos iguais”.

Transmite a ideia de que realmente exista as mesmas oportunidades e igualdade de condições para brancos e negros, não havendo necessidade de lutar contra o racismo. Pertencemos a grupos sociais com formações distintas que sofrem os reflexos da hierarquização racial e da escravidão.

2- “Deus criou vidas, não criou raças”.

O apelo religioso para maquiar as desigualdades e o racismo existe há muito tempo. Geralmente a frase se refere ao Deus cristão e faz parte de um discurso de senso comum para dizer que não precisamos enfrentar as desigualdades já que “Deus” não criou raças.

3- “O dia em que pararmos de falar de consciência negra, branca ou amarela e valorizarmos a consciência humana, o mundo será melhor”.

Essa frase aparece com frequência nas redes sociais e em projetos e feiras escolares, como as outras. Ela ataca a questão da consciência negra, como se não precisássemos dela, negando nas entrelinhas o passado escravocrata.

4- “O negro comete racismo com ele mesmo”.

O racismo é um exercício de poder, um tipo de poder que historicamente o negro não exerce, pois ele não escravizou pessoas, ele foi o escravizado. A formação social, observando o passado do país, aponta quem sofre e quem protagoniza o racismo.

Materialização e personificações racistas:

1- “Black face”.

Satiriza e deprecia com caracterização estereotipada a figura do negro. Era usado com frequência no cinema, teatros e shows no século XX, para que uma pessoa branca representasse o papel de negro com trejeitos que transmitiam a visão racista da suposta inferioridade e subserviência .

2- “Peruca afro/ black”.

Com um mesmo sentido que o Black Face, o uso da peruca serve como estereotipo racista e aparece de forma recorrente em ambientes escolares nas comemorações da Consciência negra, sendo usadas por professores e alunos. No Brasil temos essas manifestações com a “**negra maluca**”, o que deve ser combatido.

3- “O desfile da beleza negra escravagista”.

Geralmente, para apresentar a beleza negra, estudantes negros se caracterizam com roupas brancas e sem camisa, e ainda com correntes, como se fosse algo a relembrar a escravidão e a luta do negro. Na verdade, tratar junto à estética afro os adereços que um dia serviram de opressão é reforçar o que queremos combater. Até a questão do termo “desfile da beleza negra” pode dar um sentido de que o negro é exótico. Recomendasse que seja um **desfile afro ou de moda afro**, sem correntes ou alusão à escravidão, com ênfase na participação dos estudantes negros e a inclusão de não negros usando a moda africana e afro-brasileira. A inclusão dos outros estudantes serve para reforçar a partilha das africanidades e a ideia de que combater o racismo não é somente algo do negro.

4- Maquetes e cartazes racistas sobre a escravidão.

Em projetos, feiras e trabalhos da consciência negra aparecem maquetes com bonecos ou figuras pintadas de preto, sendo chicoteadas, torturadas ou mesmo acorrentadas. A materialização, sem a contextualização histórica, da **SENZALA, MERCADO DE “ESCRAVOS”, NAVIO NEGREIRO- TUMBEIRO, O TRONCO** e outros lugares de sofrimento e tortura e ainda com figuras do negro, reforçam o racismo por enfatizar o sofrimento. Não se trata de mudar a história, como muitos críticos afirmam, mas da forma como se aborda a temática

Enfrentando monstros e quebrando tabus:

A hora e a vez de falar sobre Racismo.



Racistas otários.

(Trecho)

Racistas otários nos deixem em paz
Pois as famílias pobres não aguentam
mais

Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente que se
tem

E eles veem
Por toda autoridade o preconceito
eterno

E de repente o nosso espaço se trans-
forma

Num verdadeiro inferno e reclamar
direitos

De que forma
Se somos meros cidadãos

E eles o sistema
E a nossa desinformação é o maior
problema

Mas mesmo assim enfim

Queremos ser iguais

Racistas otários nos deixem em paz
Racistas otários nos deixem em paz.

Autores: Racionais MC's

Disponível em <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs>

RACISMO.

Todas as propostas são tabus a serem quebrados por simplesmente todas no fim serem possibilidades de enfrentamento ao racismo. Muitas pessoas desviam-se dos temas que estão colocados no presente produto de mestrado, mas é preciso fundamentação teórica, entendimentos e ousadia para enfrentar esses monstros.

O Racismo é um sistema global que afirma que um grupo de seres humanos é superior ou inferior a outro, por motivações, crenças e ideologias baseadas na cor da pele, raça ou etnia. É um sistema mundial por estar presente no mundo inteiro e possuir diversos mecanismos, engrenagens e braços que depreciam grupos sociais historicamente excluídos. Para Moore, ele tem sua origem na ignorância, para depois ganhar forma:

Todos fomos socializados na noção, bem familiar, de que o racismo fora uma construção ideológica; ou seja, uma elaboração intelectual com fins políticos e econômicos e, consequentemente, permeável à lógica (educação, demonstração científica, pregação ético-moral). O racismo era uma pura questão de indecência, ignorância ou vulgaridade, e nada mais. Ele podia ser facilmente vencido por meio da educação; da adoção de “modais decentes”; da pregação religiosa e do “abrandamento do coração”. Esta visão geral era reconfortante, na medida em que implicava que estávamos em controle da situação. MOORE, 2012, p. 279.

Para ROCHA, 2012, o racismo pode ser vislumbrado como:

Estrutura de poder baseada na ideologia da existência de raças superiores ou inferiores. Pode evidenciar-se na forma legal, institucional e também por meio de mecanismos de práticas sociais. No Brasil, não existem leis segregacionistas, nem conflitos públicos de violência racial; todavia, encoberto pelo mito da democracia racial, o racismo promove a exclusão sistemática dos negros da educação e cultura, do mercado de trabalho e dos meios de comunicação. ROCHA, 2012, p 28.

Os conceitos acima ainda podem ramificar-se em outras definições conforme suas manifestações:

O Racismo Estrutural é formado por todas as engrenagens ou estruturas institucionais, históricas, políticas e culturais que dão origem a práticas de inferiorização e exclusão de um grupo étnico-social.

O Racismo Institucional é a depreciação e trato de inferioridade dado às etnias excluídas por parte das Instituições e/ou por seus agentes em ações e serviços oficiais. O crescente **genocídio da juventude negra**, potencializado ainda mais por ações policiais é um exemplo. Outro exemplo é a seleção de pessoas para os cargos em empresas, que majoritariamente excluem pessoas negras, sem permitirem que fique evidenciado que motivações raciais levaram à exclusão.

O Racismo cultural é aquele presente e enraizado nos costumes e cultura de um povo. Ele é tão profundo que não se percebe. Está nas entrelinhas das “normalidades” e do cotidiano, mas se manifesta em palavras e expressões populares. Muitas pessoas carregam a firme convicção de que “todos somos iguais”, e que melhora de vida ou ascensão social é fruto de esforço pessoal, por exemplo. Esse modo de pensar também é fruto da cultura racista que impede muitos de enxergarem as desigualdades e barreiras erigidas pelo racismo.

Agora que vislumbramos as manifestações e nomenclaturas do Racismo, sigamos para as propostas de trabalhar com tais conceitos.

Posposta 1: RACISMO E SUAS MANIFESTAÇÕES

TRABALHANDO CONCEITOS.

Fragmento de texto (adaptado):

“A eugenia não apenas representava a política social desse modelo determinista, como revelava as incompatibilidades existentes entre evolucionismo cultural e darwinismo social. Com efeito, punha-se por terra a hipótese evolucionista, que acreditava que a humanidade estava fadada à civilização, sendo que o termo degeneração tomava aos poucos o lugar antes ocupado pelo conceito de evolução, enquanto metáfora maior para explicar os caminhos e desvios do progresso ocidental. Para os autores darwinistas sociais, o progresso estaria restrito às sociedades “puras”, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória.

Recortando na história mundial exemplos que reforçavam seus argumentos, esses teóricos acreditavam que o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase imediato, de sua conformação racial pura. A evolução europeia, e em especial o tipo ariano, representaria para pensadores como Gobineau um caso extremo em que o apuro racial teria levado a um caminho certo rumo à civilização. (SCHWARTZ, Lilia Mortiz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 48.)

Após ler atentamente o texto, responda as questões:

1. Liste os termos grifados no texto e pergunte seus significados aos seus professores de História e Sociologia, além dos contextos históricos e sociais que eles foram empregados.
2. Após seus professores de História e/ou Sociologia apresentarem o conceito de “civilização”, podemos dizer que é correto afirmar que existem os povos “mais” civilizados e os “menos” civilizados? Justifique sua resposta.

3. A autora utiliza o termo eugenia – eu: boa; genus: geração. Ele foi criado pelo cientista britânico Francis Galton. A eugenia se justificava pela crença na existência de raças humanas superiores e inferiores e influenciou ideias e grupos políticos e muitos cientistas. Após uma pesquisa, cite grupos políticos e organizações sociais que já defenderam ou ainda defendem tais crenças na atualidade.

Sugestão de pesquisa em site:

<https://www.infoescola.com/historia/ascensao-do-fascismo-e-do-nazismo> www.infoescola.com/genetica/eugenia
<https://www.politize.com.br/neonazismo>
<https://www.geledes.org.br/racismo-disfarcado-de-ciencia-como-foi-a-eugenia-no-brasil> mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/ku-klux-klan

Liste-os aqui:

4. O Brasil foi influenciado pelas ideologias da Eugenia? Justifique sua resposta.

5. Marque verdadeiro ou falso, em seguida corrija as alternativas incorretas transcrevendo em seu caderno.

- a) () O progresso da humanidade está conectado com as crenças religiosas, raça e lugar do mundo onde os indivíduos nascem.
- b) () Charles Darwin, em sua obra, A Origem das Espécies, escreveu sobre a eugenia e as raças superiores.
- c) () A diversidade cultural e étnica dos povos não demonstra hierarquias entre nações “fracas e fortes.”
- d) () Os povos africanos vivem em meio às doenças e guerras por serem bárbaros.
- e) () As nações europeias colonizaram o mundo por serem superiores.
- f) () Os povos africanos e asiáticos tiveram suas culturas inferiorizadas pelos europeus invasores.
- g) () A noção de que os países do norte possuem povos superiores é equivocada e parte da visão colonizada construída pelo mito civilizatório.
- h) () Raça é um conceito social, não existindo no âmbito da Biologia.
- i) () A humanidade é formada por várias raças biologicamente diferentes.

Respostas:

- a) (F) O progresso da humanidade está conectado com as crenças religiosas, raça e lugar do mundo onde os indivíduos nascem.
- b) (F) Charles Darwin, em sua obra, A Origem das Espécies, escreveu sobre a eugenia e as raças superiores.
- c) (V) A diversidade cultural e étnica dos povos não demonstra hierarquias entre nações “fracas e fortes.”
- d) (F) Os povos africanos vivem em meio às doenças e guerras por serem bárbaros.
- e) (F) As nações europeias colonizaram o mundo por serem superiores.
- f) (V) Os povos africanos e asiáticos tiveram suas culturas inferiorizadas pelos europeus invasores.
- g) (V) A noção de que os países do norte possuem povos superiores é equivocada e parte da visão colonizada construída pelo mito civilizatório.
- h) (V) Raça é um conceito social, não existindo no âmbito da Biologia.
- i) (F) A humanidade é formada por várias raças biologicamente diferentes.

6. Fragmento de texto (adaptado) 1:

O RACISMO INSTITUCIONAL

O racismo institucional é “menos evidente, muito mais sutil, menos identificável em termos de indivíduos específicos que cometem os atos”. Porém, alertam os autores para o fato de que o racismo institucional “não é menos destrutivo da vida humana”. O racismo institucional se origina na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública do que o primeiro tipo. (ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo Pólen, 2019. p. 29.)

A partir da leitura do fragmento do texto realize o trabalho de campo. Entreviste pessoas negras e questione sobre o tratamento recebido nos lugares listados na tabela ou em outros que podem ser acrescentados. A finalidade da pesquisa é identificar ocorrências de racismo nas mais variadas instituições. O trabalho pode ser em grupo.

Realize enquetes com 10 a 15 pessoas, se possível.

Identificando o Racismo Institucional:

Instituição.	Atendido/ Teve um tratamento igual as pessoas brancas.	Mal Atendido/ foi deixado de lado, pessoas passaram na frente.
Forças de segurança.		
Poder público (político).		
Hospitais.		
Escolas.		
Universidade.		
Igreja/ Templo.		
Banco.		
Loja/ Comércio.		

Após a enquete, e com as tabelas preenchidas, redija um relatório sobre suas percepções, ou do grupo, a respeito das instituições que mais apareceram negativamente na pesquisa e busque analisar fatores que a levem ser promotora do Racismo Institucional.

Apresente em sala de aula os resultados do trabalho preservando em anonimato as instituições e pessoas envolvidas.

7. Fragmento de texto (adaptado) 2:

O RACISMO ESTRUTURAL.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo Pólen, 2019. p. 33.)

Com base na leitura do texto, responda as questões

- a) O Autor afirma que “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social”. Explique a conexão do Racismo Estrutural como a formação Histórica e Social do Brasil.

b) Como podemos perceber as estruturas raciais existentes na sociedade?

c) O que ou autor quis dizer com a afirmação: O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”.

d) Como o Brasil pode combater o Racismo Estrutural? É algo que pode ser feito em 10 anos? Justifique sua resposta.

8. Pesquise¹ e escreva sobre a Lei que criminaliza o Racismo no Brasil:

Natureza.	Crime de Racismo.	Injúria Racial.
Definição.		
Pena/ Punição.		
Legislação.		
Outros tipos de discriminações ou manifestações mencionados.		

1. Sugestão de pesquisa:

<https://www.geledes.org.br/as-diferencas-entre-racismo-e-injuria-racia>

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/08/26/entenda-diferenca-entre-racismo-e-injuria-racial.ghtml>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716

9. Fragmento de texto 3:

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos, do outro lado do oceano
O Atlântico é pequeno pra nos separar

Porque o sangue é mais forte que a água do mar
Racismo, preconceito e discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal, que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito
A elite que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação
Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil
Não seja um ignorante
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e você é branco
Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda, então olhe para trás
Olhe a nossa história, os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por que o preconceito?
Barrigas cresceram, o tempo passou
Nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor
Uns com a pele clara, outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final
Faça uma lavagem cerebral

Racismo é burrice

Negro e nordestino constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido como peão
No Brasil, o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou o que lava o chão de uma delegacia
É revistado e humilhado por um guarda nojentoso
Que ainda recebe o salário e o pão de cada dia graças ao negro, ao nordestino e a todos nós
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói
O preconceito é uma coisa sem sentido
Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
Me responda se você discriminaria
O Juiz Lalau ou o PC Farias
Não, você não faria isso não
Você aprendeu que preto é ladrão
Muitos negros roubam, mas muitos são roubados
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
Porque se ele passa fome, sabe como é
Ele rouba e mata um homem
Seja você ou seja o Pelé
Você e o Pelé morreriam igual
Então que morra o preconceito e viva a união racial
Quero ver essa música você aprender e fazer
A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
É o que pensa que o racismo não existe
O pior cego é o que não quer ver
E o racismo está dentro de você
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
E desde sempre não para pra pensar
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
E de pai pra filho o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum tipo de racismo - se justifica
Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural
Todo mundo que é racista não sabe a razão
Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da elite
Não participe
Pois como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
Racismo é burrice
E se você é mais um burro, não me leve a mal
É hora de fazer uma lavagem cerebral

Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não sou eu
É você”

Aurores: Racionais MC's

Disponível em <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs>

Sobre o texto, questões para serem debatidas em grupo/ roda de conversa:

a) Como o autor se refere a classe dominante do país?

b) Em qual trecho podemos identificar menções do passado colonial brasileiro?

c) Enumere 05 (cinco), ou mais, críticas sociais feitas pelo autor.

d) Copie 02 (dois) trechos em que o autor busca conscientizar/ advertir sobre a ignorância e as injustiças do racismo.

e) Você concorda com o autor que racismo seja burrice, ou seja fruto das estruturas sociais construídas no passado de escravidão que modelaram nossa nação? Justifique sua resposta.

Parte II:

Possibilidades de trabalhos sobre o protagonismo negro utilizando personagens do Universo Marvel.



Empoderamento negro é o direito do povo preto de ocupar espaços, tendo suas identidades respeitadas e sua cultura valorizada. É o direito de desfrutar das boas coisas que a sociedade tem a oferecer. Protagonismo negro existe com o empoderamento. O negro como ator social promotor da construção da história, combatente na luta contra o racismo...

Na imagem temos o pássaro Sankofa, símbolo da cultura Adinkra, fundamental para o empoderamento por significar o olhar negro para as raízes e para o passado, buscando inspiração na ancestralidade afro.



“Ogum é uma divindade de origem africana (orixá) cultuado em religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé. Ogum é o orixá guerreiro, conhecido pela sua coragem e força. Aliás, em iorubá, grupo étnico-linguístico da África Ocidental, Ogum significa guerra.

Ogum é senhor da metalurgia, tendo domínio sobre o ferro e o aço e todas as ferramentas feitas com esses materiais, como a lança, o martelo, a faca, a ferradura e a enxada. É um orixá associado à luta e também ao trabalho, patrono tanto dos militares quanto dos trabalhadores braçais (sobre tudo os ferreiros)”.

Texto adaptado- disponível em <https://www.significados.com.br/ogum>

Uma divindade guerreira que está presente em narrativas religiosas de grandes feitos. Na cultura ocidental, deuses e heróis do passado inspiraram a criação de heróis da ficção, e embora Ogum não seja uma inspiração direta para os personagens que vamos abordar agora, ele é um deus negro.

Os deuses e heróis do passado inspiraram Thor, Hércules, Superman e outros personagens com os quais crescemos e, ainda, aprendemos a admirar. O fato de Thor ser um deus nórdico, louro e europeu, não causou espanto em pais cristãos que assistiram juntamente com seus filhos os filmes dos Vingadores, e fica a pergunta:

E SE OGUM ESTIVESSE ENTRE OS VINGADORES, NO LUGAR DE THOR???

Explorando o universo Marvel, na atualidade, com o empoderamento e o protagonismo negro.

Começamos a segunda parte abordando sobre uma divindade negra para falar de posicionamentos culturais de tratamento diferenciado entre culturas europeias e africanas, com a finalidade de abordar protagonistas negros em aventuras de super heróis.

Nos últimos anos a Marvel Comic's se tornou uma febre entre os fãs de super heróis famosos como o Capitão América, Thor, Hulk e o Homem de Ferro. Filmes, revistas, jogos de videogame, produtos de vestuário, tudo passou a ser absorvido pelo Universo fantástico da Marvel.

Na esteira dos acontecimentos que foram reafirmando (e rerepresentando) inúmeros personagens, os protagonistas negros, com discussões sociais sobre temáticas raciais, voltaram a aparecer com antigas figuras como o Falcão Negro ou o Pantera Negra, e também com novas, como é o caso do Homem Aranha Negro, Miles Morales.

Conectar personagens que fazem parte do imaginário pop¹, e estão em voga, com as questões étnico raciais, é algo oportuno para que se envolva ainda mais os estudantes do ensino médio, sobretudo os estudantes negros, para que neles despertem percepções da importância de seu grupo social, conforme nos afirma ROCHA:

Perceber-se como sujeito social, construtor da História pertencente a um grupo social determinado e também participante de uma realidade mais ampla, reconhecendo e respeitando os direitos legais dos indivíduos como cidadãos, bem como seus processos de construção de identidade pessoal, social e cultural. (ROCHA, 2012, p. 31)

A nossa proposta na segunda parte deste material, é apresentar possibilidades de explorar figuras e temáticas étnico-raciais que estão presentes na Marvel, apontando como os personagens ou os grupos de heróis podem ser utilizados nas abordagens em sala de aula. Vale ressaltar que em inúmeros canais de comunicação e, sobretudo a internet, os personagens que iremos explorar podem ser encontrados. Assim sendo, não limitaremos à filmes ou aos quadrinhos, as possibilidades de pesquisas e buscas, ficando o Professor livre para apontar caminhos e lugares de pesquisa. Iremos sugerir atividades que o Professor possa realizar.



Ogum. Divindade negra da guerra e da metalurgia em desenho estilizado de 2021.

1. O uso do termo pop, se refere ao que se tornou popular entre os jovens, como os mesmos passaram a verbalizar entre si, no repertório de sua linguagem. Não sendo ligado ao conceito de Cultura pop das artes é ícones musicais da década de 1960.

A África e o Pantera Negra.



O Pantera Negra aponta a África como potência e o protagonismo dos povos africanos além de mostrar o poder e o protagonismo do negro diante do mundo. Imagem disponível em <https://www.torredevigilancia.com/sequencia-da-hq-do-pantera-negra-sera-lancada-pela-panini/>.

Ficha do Herói.

O herói foi criado por Stan Lee e Jack Kirby, tendo sua primeira aparição em 1966. **T' Challa** é o Rei do fictício país africano chamando **Wakanda**, ele assume a identidade do Pantera Negra para defender sua nação e seu povo. Seu país é uma superpotência tecnológica e também em riquezas naturais, como o metal chamado no Universo Marvel de vibranium.

O Pantera Negra carrega toda a representatividade africana e faz referência as potencialidades e riquezas da África. O Reino de Wakanda representa o que a África tem de melhor, e ainda pode-se utilizá-lo como ponte para falar dos grandes Reinos e Impérios africanos do passado como o Reino de **Gana**, que floresceu no século VIII, **Mali** (século XIII) ou o Reino de **Benin**. A análise do herói também pode servir como contraponto à História depreciativa com foco na escravização dos povos africanos, mostrando a riqueza de sua cultura, a cosmovisão africana e a importância do continente para o mundo, partindo da perspectiva de apresentar suas organizações políticas, militares e riqueza religiosa e mitológica com ênfase na questão da ancestralidade.

O Pantera Negra é um personagem importante que pode ser utilizado para apresentar ao estudante a filosofia africana **UBUNTU**, que quer dizer “eu sou porque nós somos”. Uma filosofia que também pode ser interpretada como “ter humanidade para com o outro” e que erigiu uma consciência nas culturas em que ela é um dos pilares. Ela se baseia na ideia de que **eu sou sempre afetado negativamente quando o outro é oprimido e que uma autoridade só tem poder por fazer parte de um todo e o grupo legitimar seu comando, e sem esse grupo não existe a autoridade**. Ubuntu é o reconhecimento da importância do outro, independente das circunstâncias, todos devem estar bem para que eu também esteja. Pode ser apontada como a filosofia é código de honra de Wakanda, os súditos não se ajoelham ao Rei, pois eles dão/são a autoridade do governante. A filosofia Ubuntu é originária de elementos dos povos bantos, inúmeros grupos étnicos que habitam desde o deserto do Saara até a África do Sul, habitando como Angola, Moçambique, Namíbia, África do Sul, Zâmbia, Zimbabwe, Lesoto e Quênia.



<https://www.legiaodosherois.com.br/2020/pantera-negra-arte-killmonger-classico.html>

O Pantera Negra aponta a África como potência e o protagonismo dos povos africanos além de mostrar o poder e o protagonismo do negro diante do mundo. Imagem disponível em <https://www.torredevigilancia.com/sequencia-da-hq-do-pantera-negra-sera-lancada-pela-panini/>.

O vilão **Killmonger** (Michael B. Jordan), tem uma motivação para além de questões pessoais. Ele reivindica o trono da nação para cumprir seu plano de espalhar a tecnologia wakandana e assim fazer de um país africano o dominador do mundo, levando o progresso também às pessoas negras da Terra. A questão é mais profunda, ele pretende reaver artefatos levados da África pelos brancos europeus e também está presente em seu discurso **promover o combate ao racismo e ajudar os negros espalhados pelo mundo**.

O discurso defendido pelo vilão causa divisão de opiniões, e a questão é: **seria justo e legítimo o plano de Killmonger, tendo em vista o passado colonial de dominação e escravidão que os africanos viveram?**

Problematizando questão de luta contra o racismo, promova um momento de reflexão, a partir da seguinte pergunta:

Seria justo a África retomar tudo o que lhe foi tirado pelas nações coloniais?

1. Os estudantes devem ser divididos em grupos de até 05 pessoas.
2. Os grupos vão debater entre si a questão e construir uma resposta coletiva, manifestando o entendimento ao final do debate.
3. Cada grupo deverá redigir uma justificativa breve para sua resposta.
4. Um representante de cada grupo deverá ler a resposta e justificativa do grupo.

Para materializar o trabalho as respostas dos estudantes e anotar suas reflexões, faça uma tabela (cartolina ou papel pardo) e a deixe fixada em algum lugar da sala, para que todos possam visualizar as reflexões dos grupos.

Grupo	Sim é justo.	Não é justo.	Justificativa.
A			
B			
C			
D			



Texto para reflexão: A FILOSOFIA UBUNTU.

A jornalista e filósofa Lia Diskin, no Festival Mundial da Paz, em Florianópolis, nos apresentou com um caso de uma tribo na África que conta:

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes de uma tribo na África e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta pra casa. Sobrava muito tempo, mas ele não queria catequizar os membros da tribo, então, propôs uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva.

Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e deixou o cesto debaixo de uma árvore. Chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse “já!”, elas deveriam sair correndo até o cesto e, a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro.

As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse “Já!”, instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes.

O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou porque elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces.

Elas simplesmente responderam: “Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?”

Ele ficou de cara! Meses e meses trabalhando nisso, estudando a tribo, e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo. Ou jamais teria proposto uma competição, certo?

Ubuntu significa: “sou o que sou pelo que NÓS SOMOS!”

Atente para o detalhe: pelo que SOMOS, não pelo que temos...

Disponível em Espaço Ubuntu: <http://www.espacoubuntu.com.br/a-filosofia.html>

A preocupação com o coletivo presente na sociedade de WAKANDA, pode provocar uma reflexão sobre a Filosofia Ubuntu. O texto acima trabalha as visões de mundo presentes no continente africano a respeito da coletividade, mostrando por exemplo a questão de “competição”.

Distribua o texto aos estudantes para a leitura, e a seguir solicite que respondam as seguintes questões:

1. Qual a diferença de competição do antropólogo em relação ao conceito dos africanos? Podemos chamar de competição na visão africana, segundo a Filosofia Ubuntu?

2. No filme (ou em outras fontes de pesquisa) sobre o Pantera Negra, é possível realmente perceber algo semelhante ou alusivo à Filosofia Ubuntu? Explique,

3. Nos arcos do Pantera Negra, inúmeros aspectos das sociedades africanas são enfatizados, entre eles a questão da mulher. As mulheres africanas com espírito guerreiro e protagonismo feminino são uma constante nos enredos de Wakanda, assim, segue um texto sobre as **Dora Milaje**, para conhecermos mais sobre as manifestações femininas negras na Marvel:

Dora Milaje: Conheça o grupo de guerreiras de Wakanda.

Texto e imagens por **Matheus Inácio** abril 18, 2021.



As **Dora Milaje** são guerreiras bem treinadas que tem como dever proteger o trono real de Wakanda e quem estiver sentado nele; e foram criadas pelo escritor **Christopher Priest** e pelo artista **Mark Texeira**.

A primeira aparição delas foi na HQ **Pantera Negra #1 – Vol. 3** em novembro de 1998.

ORIGEM

Essas guerreiras de Wakanda foram inspiradas nas Ahosi, elas protegiam o Reino do Daomé, a atual República do Benin, até o final do século XIX. Em determinado período, o exército delas somava algo entre 4 mil e 6 mil mulheres, número que representava um terço de todo o exército do reino.

As Ahosi eram originalmente esposas reais que foram treinadas para proteger o rei. As Dora Milaje, porém, ainda têm a função de manter a paz entre as tribos, sendo selecionadas ainda na adolescência para isso. Cada uma delas vem de uma tribo diferente e seu trabalho é um modo de manter a cooperação de todos os líderes tribais.

Como forma de manter a paz entre as tribos e dar a oportunidade de cada uma subir ao poder, elas também seriam as candidatas a rainha para um rei não casado. Com o passar dos anos essa tradição foi deixada de lado por **T'Challa** e isso causou uma instabilidade na confiança das tribos.

Querendo sempre manter a paz e tranquilidade no reino, o Rei T'Challa reinstituiu o costume das Dora Milaje. Apesar disso, ele não via as mulheres com nenhum interesse romântico, mas sim como se fossem suas filhas.

PODERES E HABILIDADES



As Dora Milaje não possuem poderes mas elas são treinadas em todos os tipos de armas e seu tipo de luta específico é bem parecido com a força de luta feminina conhecida como Dahomey Amazons.

Elas são equipadas com tecnologia de ponta desenvolvida em Wakanda e sabem muitos idiomas. Todas as integrantes possuem a sua disposição armaduras e as mais variadas armas de vibranium. Entre seus meios de transporte estão mochilas à jato e aeronaves quinjets.

Disponível em <https://feededigno.com.br/quadrinhos/dora-milaje-conheca-o-grupo-de-guerreiras-de-wakanda/>

Sugestão de Atividade

Trabalhando Mulheres Negras na História*.

Objetivo: Valorizar a figura feminina negra, com seu protagonismo social, na África e no mundo.

Ação: Grupo 1: apresenta pesquisa feita sobre as Dora Milaje.

Grupo 2: apresenta pesquisa feita sobre o Exército que inspirou a criação das personagens.

Grupo 3: apresenta pesquisa feita sobre mulheres africanas protagonistas na História.

Grupo 4: apresenta pesquisa sobre mulheres negras brasileiras destaques na História.

*Ver os textos de apoio.

Texto de apoio 1.

A história das guerreiras que inspiraram as Dora Milaje

Reportagem por Mariana Pereira Akiyoshi Loureiro em 17/11/2021



As guerreiras Dora milaje

Há muitos séculos, criou-se o estigma de que os exércitos só poderiam ser formados por homens, porque estes seriam mais fortes e, consequentemente, mais eficientes nas batalhas. Porém, o Reino de Daomé, atual Benim, desafiou esse padrão ao utilizar um exército formado apenas por mulheres, as famosas Amazonas de Daomé, que eram duramente treinadas desde a infância e inspiraram as “Dora Milaje” do filme Pantera Negra.

Essas guerreiras compuseram o único exército feminino documentado na história moderna e tinham, inicialmente, o papel de defender o rei e, posteriormente, todo o reino. O nome “Amazonas” foi dado por europeus devido à semelhança com as guerreiras Amazonas da mitologia grega, também fortes e muito habilidosas com armas.

Existem várias teorias sobre a origem do batalhão. Uma delas aponta que um grupo chamado gbeta, composto de mulheres caçadoras de elefantes, ganhou o reconhecimento do terceiro rei de Daomé, Houegbadja, e foram incorporadas ao exército real. Outra teoria, mais aceita pelos pesquisadores, afirma que a filha de Houegbadja, Hangbe, a qual reinou de 1708 a 1711, teria recrutado mulheres para serem suas guardas reais, e elas continuaram exercendo essa função nos reinos que sucederam.

Apesar disso, há uma dúvida entre os historiadores se Hangbe realmente existiu, já que não é possível encontrar qualquer registro da sua passagem, porque, de acordo com a tradição oral, eles foram apagados quando Akaba, irmão mais novo de Hangbe, subiu ao trono, visto que o mesmo acreditava que somente os homens deveriam controlar o reino.

Já no reino do rei Ghezo (1818-1858), as Amazonas foram oficialmente integradas ao exército de Daomé, e se tornam as verdadeiras guerreiras destemidas descritas neste texto.

Outro nome dado às Amazonas era Ahosi, que significa “esposa do rei” em Fon, língua falada em Daomé. Devido ao uso desse nome, acredita-se que as guerreiras recrutadas eram, de fato, algumas das esposas reais. No futuro, mais mulheres passaram a se voluntariar para o exército, mesmo sabendo do difícil treinamento pelo qual deveriam passar.

Em 1890, o reino do Benin iniciou uma guerra contra a França, e as Amazonas sofreram baixas em seu exército e acabaram sendo derrotadas em 1894. Relatos mostram que os franceses ficaram extremamente impressionados e chocados ao presenciarem um exército exclusivamente feminino.

A história das Amazonas ficou mais conhecida após o lançamento do filme Pantera Negra, no qual elas foram reinterpretadas nas guerreiras Dora Milaje, que impressionaram e inspiraram os telespectadores.

Texto disponível em <https://www.folhaunica.com.br/reportagem/2021/11/mariana-pereira-akiyoshi-loureiro/a-historia-das-guerreiras-que-inspiraram-as-dora-milaje/>

Texto de apoio 2.

Conheça 7 mulheres negras inspiradoras



Se ser mulher já é difícil, imagine ter que provar ainda mais o seu valor por conta da cor da pele? A boa notícia é que existem diversas mulheres negras inspiradoras que mudaram essa realidade.

A luta travada por cada uma delas em diferentes cenários abriu, e continua abrindo, espaço para que as novas gerações sejam cada vez mais ouvidas e respeitadas.

Conheça agora algumas dessas mulheres negras que tiveram coragem de enfrentar dificuldades, problemas, barreiras e preconceitos e que, hoje, são exemplos para muitas outras.

Quem são essas mulheres negras inspiradoras?

Não se trata apenas da busca por igualdade de gênero, mas também por equidade racial. Com isso, a batalha travada por mulheres negras se torna ainda mais intensa e desafiadora.

Um exemplo bem marcante da história mundial nesse contexto foi o chamado “Massacre de Sharpeville”, ocorrido em 1966, na África do Sul.

Na ocasião, diversos negros protestavam pacificamente contra a obrigatoriedade de portarem cartões de identificação informando onde eles poderiam ir. O resultado foi 186 feridos e 69 mortos, entre eles muitas mulheres.

Em memória a essas vítimas, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu o dia 21 de março como o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

Mas não somente esse evento foi o gatilho para a luta destas mulheres negras inspiradoras. Conheça agora alguns dos nomes mais importantes e a atuação de cada uma delas.

Mercedes Baptista

Ainda que tenha se tornado a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a brasileira Mercedes Baptista não conseguia bons papéis devido à cor da sua pele.

Mas a bailarina americana Katherine Dunham fez um convite e levou Mercedes para se aperfeiçoar nos Estados Unidos. Na volta, a bailarina, fundou sua própria escola e passou a colaborar com a coreografia de escolas de samba e outros espetáculos nacionais e internacionais.

Rosa Parks

Em 1955, os Estados Unidos viviam uma forte divisão racial. A diferença era tanta que até os ônibus tinham lugares separados para os negros.

Rosa estava em um desses bancos quando um grupo de pessoas brancas embarcou e não encontraram lugar para sentar. Pediram então que ela se levantasse. Diante de sua recusa, Rosa foi presa e humilhada, o que a transformou em símbolo da luta pela igualdade racial.

Simone Biles

Primeira atleta na história a conquistar quatro medalhas de ouro na ginástica artística, isso tendo apenas 21 anos, Simone Biles se tornou a maior da modalidade, vencendo preconceitos e até problemas de saúde para participar das competições.

Dandara dos Palmares

Esposa de Zumbi dos Palmares, Dandara liderou homens e mulheres e ajudou a proteger seu povo contra constantes ataques.

Ainda que tenha sido figura de grande importância para a história do povo negro, o machismo presente na época limitou registros e informações sobre sua participação.

Michelle Obama

Advogada e escritora, Michelle LaVaughn Robinson Obama ficou mundialmente conhecida quando seu marido, Barack Obama, se tornou presidente dos Estados Unidos. Com isso, ela passou à primeira afro-descendente a ocupar o posto de primeira-dama daquele país.

Entre seus diversos feitos durante esse período, Michelle promoveu uma recepção na Casa Branca em defesa dos direitos das mulheres, ainda que muitos acreditassem que ela deveria se envolver menos com política.

Carolina Maria de Jesus

Uma das primeiras escritoras negras do Brasil, Carolina Maria de Jesus começou a carreira por acaso, registrando o cotidiano da favela onde morava em cadernos que encontrava em seu trabalho como catadora de papel.

Quarto de Despejo — Diário de uma Favelada, seu primeiro livro, foi publicado em 1960, traduzido em 16 idiomas e vendido em 40 países. Mesmo depois de sua morte, outras seis obras de sua autoria foram publicadas.

Rafaela Silva

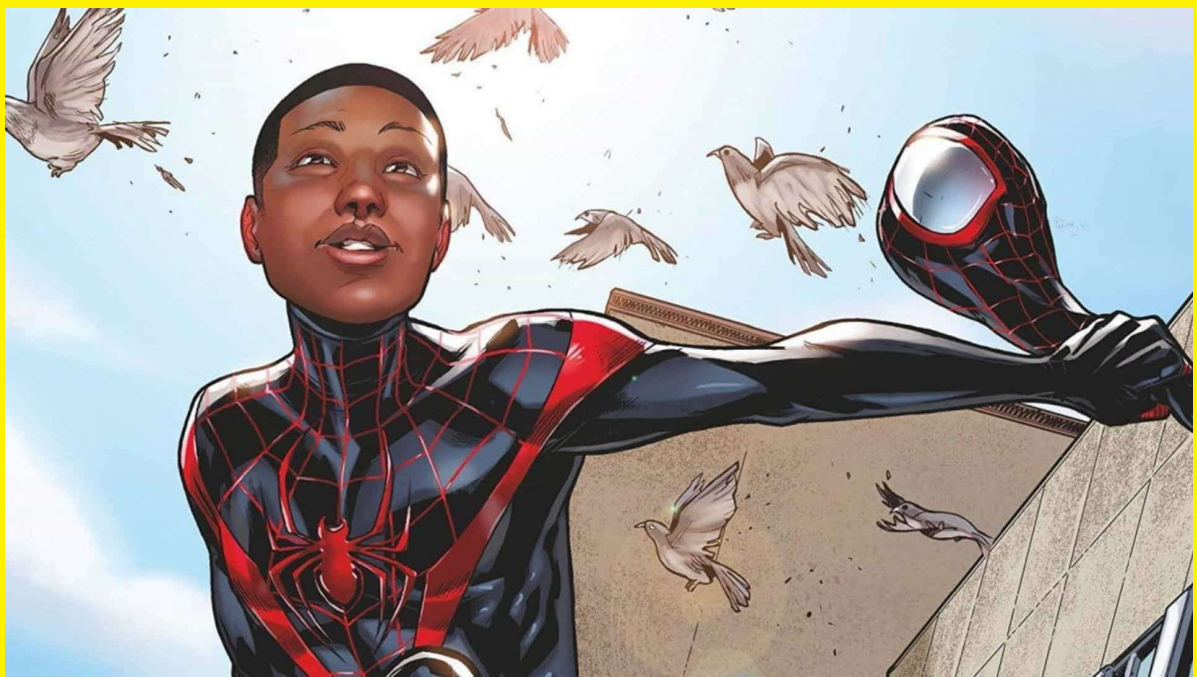
Para fechar a nossa lista de mulheres negras inspiradoras, temos Rafaela Silva.

A judoca, que iniciou sua carreira, no Instituto Reação, aos 16 anos se tornou campeã mundial júnior. Aos 21 conquistou a 1ª medalha de ouro do judô feminino brasileiro no Campeonato Mundial Sênior.

Mas foi nos Jogos Olímpicos Rio 2016 que Rafaela entrou para a história. Ao conquistar o primeiro ouro para o Brasil, se tornou a única brasileira a ter o título mundial e olímpico na modalidade.

Texto disponível no site do Instituto Reação - <https://institutoreacao.org.br/conheca-7-mulheres-negras-inspiradoras>

A Juventude Negra na Marvel.



A Juventude negra representada na figura de Miles Morales, o Homem Aranha Negro, indo ao encontro de uma geração que afirma sua negritude e constrói seu empoderamento. Imagem disponível em <https://feededigno.com.br/curiosidades/conheca-miles-morales-o-segundo-homem-aranha/>

Ficha do Herói.

Miles Morales apareceu pela primeira vez em 2011, nos quadrinhos da Marvel. Trata-se de um adolescente negro de família latino-americana que foi morar nos Estados Unidos, e ganhou seus poderes de Homem Aranha como o lendário Piter Parker, sendo picado por um aracnídeo radioativo. Miles se tornou um personagem tradicional da Marvel em 2015, para além dos quadrinhos.

Com todos os problemas de adolescente, o novo Homem Aranha tem em suas narrativas a construção do protagonismo negro da juventude que enfrenta um mundo de violência.

Seus inimigos são os mesmos de seu antecessor, e ele é apresentado em uma realidade diferente, um mundo alternativo dentro do multiverso da Marvel.

A representatividade que o garoto Miles carrega vai de encontro às novas gerações de jovens empoderados pela construção de uma autoafirmação da identidade negra que está sendo reforçada na atualidade.

Sugestão de atividade:

A juventude negra sofre com um processo de invisibilidade em diversos espaços e uma exclusão violenta. Além disso existe a questão do genocídio da juventude negra. Crianças de adolescentes negros morrem todos os dias vítimas de ações de policiais e/ou criminosos na periferia, favelas e outros espaços. Sobre isso, leia o texto e faça o que se pede:

“Entre 2016 e 2020, 35 mil pessoas de 0 a 19 anos foram assassinadas, uma média de 7 mil vidas perdidas por ano, segundo o Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, publicado pelo UNICEF e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em outubro deste ano. O relatório confirma ainda a gravidade de um problema estrutural de longa data: o racismo.

Não se pode tapar o Sol com a peneira. Eram negros 68% dos adolescentes e crianças mortos violentamente com idade entre 5 e 9 anos e 80% dos que tinham entre 10 e 14 anos. Esses e outros números da desigualdade racial verificados em séries históricas estão aí para desencorajar posturas negacionistas, ainda mais quando associados a nomes e imagens de rostos infantis.” Adaptado -Disponível em <https://www.geledes.org.br/nem-todas-as-criancas-vingam-pedagogia-da-violencia-pode-matar-o-pai>

Após a leitura do texto, responda as questões:

- a) Você concorda que as mortes mencionadas no texto possuem conexão com as permanências do passado de escravidão no Brasil que se manifesta em suas instituições e sociedade? Justifique sua resposta.

- b) Realize uma pesquisa virtual buscando notícias de mortes de crianças e jovens negros em ações policiais.

1. Enumere quantas justificativas que mencionam que “o policial confundiu”, “acidentalmente disparou”, “uma bala perdida atingiu”, ou frases parecidas que aparecem nas reportagens, justificando as ações que culminaram com a perda de vidas negras.
2. Após esse breve levantamento escreva um texto sobre a realidade urbana da juventude negra no Brasil. Depois apresente suas percepções e reflexões aos colegas, A atividade pode ser em grupo.

Explorando o protagonismo negro juvenil:



Imagem disponível em <https://observatoriodegames.uol.com.br/destaque/traje-da-animacao-a-ranhaverso-estara-em-spider-man-miles-morales>

Nos arcos da Marvel das narrativas que contemplam as aventuras de Miles Morales, ele aparece como protagonista, quebrando tradições como outros heróis negros que vieram antes, uma vez que foi consolidada a imagem do personagem principal sendo branco. O Homem Aranha negro é um símbolo que reivindica e ocupa espaços de poder.



Desenho de Luciano Vecchio, divulgado por andrezadelgado/status/1188963589656326145.

A Marvel possui inúmeros heróis negros que podemos explorar juntamente com Miles, e partindo da questão de protagonismo negro e juvenil, vamos explorar positivamente a juventude negra realizando uma exposição de imagens e desenhos contendo explorando as sugestões da tabela a seguir:

Personagens sugeridos.	História do Personagem.	Symbolismos e significados/re-presentatividade.
Mile Morales/ Homem Aranha		
Falcão/ Sam Wilson		
Tempestade (X-Men)		
Riri Williams (Coração de Ferro)		
Luke Cage		

Em grupos, os estudantes irão pesquisar e apresentar o personagem com o qual seu grupo ficou responsável, seguindo o roteiro:

1. Explorar a criação do personagem e o momento histórico e social em que foi criado.
2. Enfatizar os simbolismos da representatividade negra existente em cada um.
3. Elaborar texto compilando as informações pesquisadas e as percepções do grupo sobre a questão do negro como herói.
4. O professor listará na tabela já apresentada o resumo das pesquisas.

Texto de apoio.

10 heróis negros da Marvel que você talvez não conheça (mas deveria)

Em meio ao movimento **#BlackLivesMatter**, que busca combater a violência policial contra pessoas negras, nós do site aproveitamos para destacar os **heróis e heroínas da Marvel que são negros**, mas que não são os mais populares da editora.

Todo mundo conhece a **Tempestade**, o **Falcão**, **Blade**, **Luke Cage** e o **Pantera Negra**, esses já apareceram várias vezes no **cinema** ou na **Netflix** e felizmente já estão **inseridos no imaginário do público**.

Nossa proposta é destacar **aqueles que ainda não estão consolidados** nesse imaginário. Vamos falar quem são e onde vocês podem ler suas aventuras caso tenham interesse.

1- Monica Rambeau



A Monica foi criada em **1982** numa edição anual do Homem-Aranha, mas logo acabou se destacando nos **Vingadores**. Ela foi a **primeira** Capitã Marvel do sexo feminino, **Carol Danvers** só veio assumir esse manto em 2012 e também a **primeira pessoa negra a liderar os Vingadores**.

Ao longo dos anos Rambeau já atendeu por diversos outros nomes heroicos: Photon, Pulsar e atualmente é a Spectrum. Seus poderes são derivados de uma explosão de energia que ela presenciou, ela é capaz de se transformar e absorver energia, voar, tem super-velocidade, ficar intangível, invisível... enfim, é uma das heroínas mais poderosas da editora.

Suas aparições mais recentes foram são na equipe dos **Poderosos Vingadores** de 2014, nos **Supremos** de 2016 e atualmente ela está na Strikeforce.

2- Coração de Ferro



Criada em **2016** nas páginas da HQ do Homem de Ferro, **Riri Williams é uma jovem gênio prodígio**. Diagnosticada com um alto intelecto ainda na infância, sempre teve **problemas para se relacionar e fazer amigos**.

Seu **pai** morreu logo após o seu nascimento e a sua **única e melhor amiga** morreu junto do seu querido **padrasto** durante um tiroteio no seu bairro, em **Chicago**.

Para se isolar do mundo e também se proteger de eventuais balas perdidas, **Riri desenvolveu a sua própria armadura**, usando sucata do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Com a ajuda de Tony Stark posteriormente criou a **sua primeira armadura completa**, com sua própria IA e mais recentemente, com apoio da filha do Visão e usando tecnologia alienígena, aperfeiçoou a sua tecnologia dando mais personalidade.

A heroína ganhou em 2018 a sua própria revista mensal, **Riri Williams: Coração de Ferro**, e atualmente tem aparecido com destaque na **HQ dos Campeões**.

3- Bishop



Criado em **1991** na revista Fabulosos X-Men, **Lucas Bishop** é um **soldado mutante de um futuro** onde as Sentinelas tomaram conta da América do Norte. Ele cresceu em **campos de concentração mutantes** e o M no seu rosto é uma tatuagem feita para marcá-lo como mutante.

Após a **Rebelião Summers** os mutantes foram libertados e uma policia mutante foi criada para **perseguir vilões mutantes**, foi aí que Bishop se destacou.

Ele acabou viajando para o passado, **que é o presente das histórias atuais**, atrás de um inimigo mutante que também viajou pelo tempo. Bishop ao longo dos anos **se estabeleceu como um importante integrante dos X-Men**.

O seu poder mutante é a **capacidade de absorver energia**, podendo assim se **curar mais rápido**, ficar mais forte ou simplesmente repelir essa energia toda em um **contra-ataque**.

Atualmente o mutante pode ser visto na revista **Marauders**, nessa nova leva de histórias dos X-Men **que está para chegar no Brasil**.

4 - Moon Girl



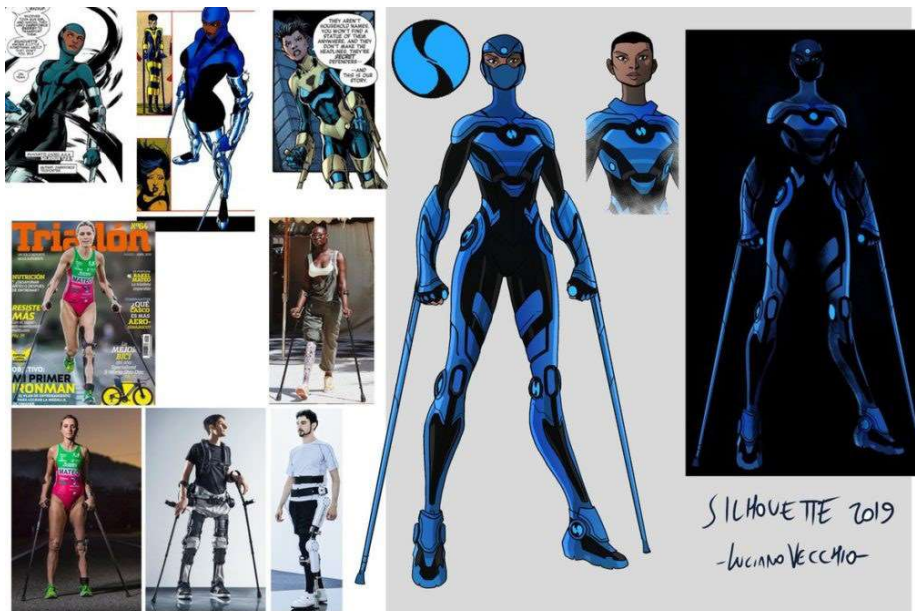
Lunella Lafayette foi criada em **2016** e protagonizou logo de cara uma revista própria que durou **47 edições**, um feito e tanto. Ela é uma criança de **nove anos de idade** que rivaliza com **Reed Richards**, do Quarteto Fantástico, em nível de intelecto.

Seu apelido de “**Moon Girl**” (ou Menina da Lua em uma tradução livre) foi dado pelos seus colegas na escola pelo fato dela, **por ser muito inteligente**, frequentemente estar “**no mundo da lua**”.

Lunella é uma **inumana** e o seu poder é **se comunicar e até transferir a sua consciência do Dinossauro Demônio**, um enorme Tiranossauro Rex que ela tem de estimação (mas que é bastante dócil).

Além da sua própria revista que foi encerrada em 2019, a Moon Girl também apareceu na saga **Inumanos vs X-Men**, na revista dos Guerreiros Secretos e eventualmente aparece na HQ dos Campeões.

5- Silhueta



Criada em **1990** na revista dos **Novos Guerreiros**, a heroína é filha de um ex-combatente da **Guerra de Siaocong** (o equivalente a Guerra do Vietnã no Universo Marvel).

A heroína é uma **acrobata muito talentosa e mutante**, cujos poderes consistem em **força, velocidade e agilidade** aprimorados, bem como a capacidade de controlar em baixo nível a darkforce, conseguindo inclusive **ficar invisível na escuridão**.

Sil Chord, a Silhueta, foi baleada durante uma emboscada a gangues de NY que deu errado, **perdendo a mobilidade dos seus membros inferiores**. Mas ela não parou de atuar de maneira super-heroica, **inseriu as muletas no seu uniforme** e continuou salvando o dia.

Após alguns anos com pouco destaque, a heroína retornou recentemente **na HQ da Coração de Ferro de 2018** e estará também na próxima revista dos **Novos Guerreiros**, ainda não lançada.

6- Dr. Vodu



Apesar de muito se falar em **Doutor Estranho** quando se pensa em magia na Marvel, **Jericho Drumm**, o **Dr. Vodu**, também é um poderoso feiticeiro e já foi inclusive o **Mago Supremo da Terra**.

Jericho é um homem natural do **Haiti** e que aprendeu vodu ainda jovem e mostrou um **enorme talento para manipular a magia**. É um psicólogo formado e consegue **manipular fogo**, se teletransportar, **possuir espíritos** e até voar.

Nos últimos anos o personagem tem se consolidado nos **Vingadores**, namorando inclusive a **Feiticeira Escarlate**. Ele pode ser acompanhado nas HQs dos **Fabulosos Vingadores de 2016** e no mega arco "**Sem Rendição**" dos **Vingadores**, em 2018.

7- Nezhno



Criado em **2006** na revista da **Academia X** dos X-Men, **Nezhno Abidemi** é um jovem filho de uma mulher negra de **Wakanda** com um estrangeiro da **Rússia**.

Por ser filho de um estrangeiro, **foi duramente rejeitado pela população de Wakanda**, inclusive pela sua mãe. Quando seus poderes mutantes se manifestaram na adolescência, a até então Rainha de Wakanda, **a Tempestade**, o enviou para o **Instituto Xavier**.

Seu poder consiste na habilidade de **inflar e aumentar o seu tamanho**, crescendo em proporção também a sua força. Mas devido a **problemas psicológicos** causados pela sua rejeição na infância, sofre com **convulsões e constantes dores**. É por isso que seu corpo é cheio de **tatuagens de vibranium** que o ajudam a ter controle quando utiliza os seus poderes.

Recentemente o jovem integrou a equipe de X-Men comandado pela **Jean Grey**, na revista **X-Men: Equipe Vermelha**, lançada em **2017**.

8- Patriota



Já houveram alguns Patriotas na Marvel, **mas vamos falar aqui de Elijah Bradley**, criado em **2005** para a revista dos **Jovens Vingadores**. Ele é neto de **Isaiah Bradley**, o primeiro Capitão América, o homem negro que serviu de teste para a **fórmula do Super-Soldado** antes dela ser aperfeiçoada e usada em **Steve Rogers**.

Elijah não possui super-poderes de nascença, **originalmente ele mentiu que ganhou super-força através de uma transfusão de sangue com o teu avô**, porém a verdade é que ele estava usando **hormônio de crescimento mutante** para obter poderes.

Só que isso além de fazer mal para o seu corpo, **também estava lhe deixando viciado**. Ele abandonou a carreira heroica por um tempo, mas mesmo sem os seus poderes acabou retornando, se feriu gravemente e então **sim passou por uma transfusão de sangue do avô** e ganhou seus próprios poderes.

Após a morte da **Estatua**, sua colega de equipe, o Patriota **abandonou a carreira super-heroica**. O herói aparece nas histórias antigas dos **Jovens Vingadores**, publicados originalmente em **2005** e em algumas minisséries do grupo.

9- Idie



Idie Okonkwo foi uma das primeiras mutantes a surgir **após o Dia M**, quando a Feiticeira Escarlate provocou a quase extinção dos mutantes. Ela é natural da **Nigéria** e quando ativou os seus poderes, **que lhe permitem criar gelo e fogo**, acidentalmente matou a sua família e incendiou a sua vila.

Ela se tornou uma peça central no **cisma mutante** que dividiu ideologicamente o **Cíclope** e **Wolverine**, e acabou se juntando ao Logan no **Instituto Jean Grey** como uma das suas pupilas.

Ela já se relacionou amorosamente com **Quentin Quire**, fez parte da equipe de jovens mutantes composta, além do casal, pelo **Kid Gladiador**, **Garota Tubarão**, **Ninfa**, **Ocular** e **Nim**.

Idie foi figura relevante e importante ao longo de todo o run de Jason Aaron na revista **Wolverine** e os **X-Men** entre **2010 e 2013**. Posteriormente também participou dos **Novíssimos X-Men** em **2016**.

10- Rage



Criado em **1990** na HQ dos Vingadores, **Elvin Haliday** é um **jovem de 13 anos** que foi exposto a substâncias químicas e **acabou tendo o seu corpo envelhecido até um homem adulto**, mesmo tendo apenas 13 anos.

Além de envelhecer, Rage também ganhou **super-força, super-velocidade, super-resistência e fator de cura**, por exemplo. Ele resolveu fazer o bem e acabou indo exigir um lugar nos Vingadores, **peitando o Capitão América** com o argumento de que **não haviam heróis negros na equipe**.

Ele conseguiu se tornar um **Vingador em treinamento** na equipe, mas durante um confronto racial com o vilão **Monge do Ódio** foi descoberto que o herói tinha apenas 13 anos, **então os Vingadores o removeram do grupo**.

Elvin ficou revoltado por ser expulso dos Vingadores e **acabou se unindo aos Novos Guerreiros**. O personagem teve bastante destaque alguns anos atrás durante a revista da **Iniciativa** e mais recentemente na revista do **Capitão América**, quando **Sam Wilson** utilizava o manto.

Disponível em: <https://jamesons.com.br/10-herois-negros-da-marvel-que-voce-talvez-nao-conheca-mas-deveria/>

Usando os X-Men para falar de identidade racial e cultural.



Imagem disponível em <https://neoquadriforce.blogspot.com/2012/07/marvels-07-animacoes.html>

Criados por Stan Lee e Jack Kirby, estrearam na H.Q de título **The X-Men** nº01, publicada em setembro de 1963. Foi criado no contexto da luta pelos direitos civis e contra a segregação racial nos Estados Unidos. Nas décadas seguintes a questão dos preconceitos sendo tratados nos quadrinhos e nas animações pareceu ficar sempre nas entrelinhas, e tais temáticas só foram percebidas mais tarde por gerações mais maduras que cresceram fãs dos mutantes.

Os X-Men servem para abordagens atuais sobre as questões do enfrentamento dos preconceitos como o racismo e homofobia, pois sim apareceram personagens LGBETQIA+ ao longo dos tempos. Dois personagens em especial, em essência, foram inspirados em figuras reais e suas ideologias. O Professor Charles Xavier foi baseado em Martin Luther King, defensor do diálogo e adepto ao pacifismo em suas causas. Já o vilão Magneto teve sua matriz em Malcom X, com um perfil mais radical e até violento.

Os arcos dos mutantes podem ser trabalhados com todo o ensino médio, mas, sobretudo com os estudantes do 3º ano.

Proposta de Atividade.

A dinâmica da identidade: quem somos?

Uma das principais questões levantadas nos famosos X-Mens é a identidade de cada um. A diversidade representada em um grupo que busca seu lugar no mundo, com respeito, direitos e dignidade é algo que podemos trabalhar com os estudantes.

A dinâmica da identidade tem a proposta de apresentar as individualidades dentro dos grupos, socializando os participantes no conhecer o outro. E ela segue o seguinte roteiro:

Vamos produzir documentos de identidade ou cartões de identificação, que serão usados para identificar características marcantes dos estudantes.

Para tanto, é necessário: folha de papel sulfite de tamanho A/4; um pedaço de barbante de aproximadamente 40 cm e canetas.

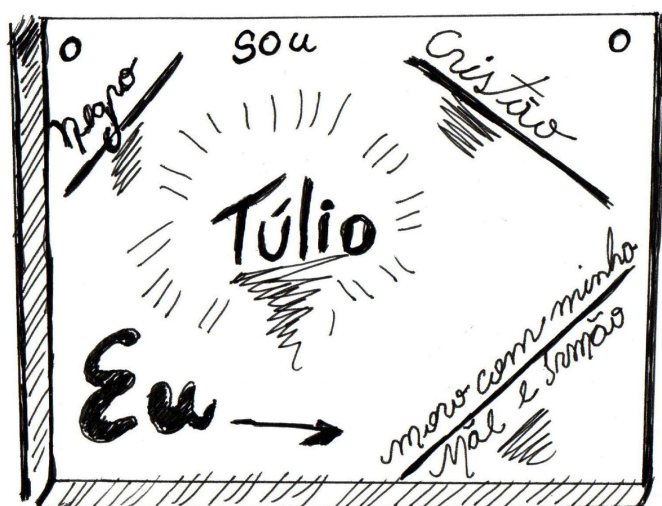
Dobre a folha de papel ao meio no sentido vertical, unindo as extremidades dos lados menores do retângulo que se forma. Passe o barbante pela dobra e amarre suas pontas, de forma que se torne possível pendurar a identidade no pescoço.

No meio da folha, o estudante escreverá o nome ou apelido, e nos cantos da folha será escrito resumidamente:

- Como se declara: negro, branco, etc.
- Religião/ credo: budista, umbandista, ateu...
- Mora com pais, mãe, pai, avó...

ATENÇÃO: A finalidade da atividade é apresentar diferentes realidades dentro da sala de aula. Recomenda-se um preparo prévio da turma em momentos anteriores com abordagens de questões raciais, religiosas e constituição de família (definições para além da família nuclear). **DEBATES E RODAS DE CONVERSAS SOBRE AS DIVERSIDADES QUE FORMAM A SOCIEDADE PRECISAM SER REALIZADO!**

Recomenda-se que a atividade seja feita com os estudantes do 3º ano do ensino médio.



Modelo de cartão de identificação

Texto de apoio para a atividade.

O que é diversidade cultural?



Grande parte da diversidade cultural brasileira deriva das culturas dos povos africanos que foram escravizados entre os séculos XVI e XIX.

A diversidade cultural é a composição plural de culturas que convivem juntas no mesmo território. As culturas advêm da formação étnica, que carrega não só traços raciais, mas também traços da cultura geral de um povo.

Cultura é um complexo conjunto de elementos que envolve arte (todas as linguagens artísticas possíveis, como a pintura, a escultura e outras artes visuais, o artesanato, a literatura, o teatro etc.), educação, religiões e religiosidade, culinária, idioma, festividades, histórias populares etc.

A cultura é representada na antropologia (uma ciência ligada às Ciências Sociais) por meio do conceito de etnia. O conceito de etnia também se relaciona com o conceito de raça (criado para dar conta dos conflitos raciais presentes em nosso mundo), pois cada agrupamento humano, além de apresentar suas características fenotípicas, apresenta sua cultura.

Falar em diversidade cultural também vai além do simples fato de constatar o convívio conjunto de culturas diferentes em um mesmo local. Ao falarmos de diversidade cultural, nós estamos falando também de respeito à diversidade e à pluralidade, pois uma sociedade com diversidade que se pretende justa e democrática precisa do respeito ao diferente para funcionar.

Por que o Brasil é um país com diversidade cultural?

O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (um dos chamados intérpretes do Brasil) escreveu um livro sobre a diversidade cultural brasileira. É um livro complexo, que tenta entender por qual motivo o Brasil se tornou o que é, mas que também celebra a nossa diversidade cultural. O autor não aceita uma fórmula pronta, que apenas afirma que o Brasil é resultado da mistura de indígenas com povos africanos e europeus. Segundo Darcy Ribeiro, o Brasil agrupou, na sua formação colonial, cinco grandes eixos culturais, que por si só já têm diversidade. São eles:

- O Brasil crioulo, da área litorânea do extremo norte da região Nordeste ao Rio de Janeiro, com bastante influência da cultura africana (que também é diversa).
- O Brasil sertanejo, no interior do Nordeste, onde predomina a Caatinga.
- O Brasil caboclo, predominante na região Norte, com forte presença de culturas indígenas.
- O Brasil caipira, com predominância nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.
- O Brasil sulino, com predominância de miscigenação mameluca e grande influência europeia e indígena.

Isso nos mostra que falar da diversidade cultural brasileira é mais complexo do que parece. Podemos começar falando dos povos indígenas. Hoje existem 305 etnias indígenas brasileiras que ainda resistem ao genocídio europeu e ao etnocídio provocado pela cultura branca. São contados, aproximadamente, 900 mil indígenas vivendo em território brasileiro, de acordo com o Censo de 2010.

Estima-se que, em 1500, eram mais de cinco milhões de indígenas, o que sustenta a fecunda hipótese de que havia muito mais do que 305 etnias. Apesar de cultura muito similar dentro dos agrupamentos próximos, havia uma diversidade cultural imensa entre os povos indígenas.



O Cacique Raoni é uma liderança indígena que luta pelo reconhecimento dos direitos e respeito à cultura dos povos indígenas.

Em 1530, começou um intenso plano de colonização do Brasil por meio do sistema de capitanias hereditárias, o que motivou a vinda de portugueses para nosso território. Com as primeiras levas de portugueses que vieram para cá, já começou um processo de tentativa de aculturação dos povos indígenas e de miscigenação entre portugueses e nossos nativos que viviam nas regiões litorâneas, sobretudo do Nordeste e Sudeste.

Entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, os colonos começaram a buscar uma mão de obra barata para trabalhar naquela que era a principal fazenda econômica da época: o engenho de açúcar. Com isso, colonos portugueses se valeram de um mercado que vinha crescendo e rendia muito lucro, o tráfico negro.

Africanos eram capturados e escravizados na África, eram vendidos para comerciantes, principalmente ingleses e portugueses, que traziam essas pessoas abarrotadas em porões de navios para o continente americano, para trabalharem nas lavouras. Essa prática foi mantida no Brasil até o século XIX.

Os povos africanos também eram diversos e muitos foram capturados em seus territórios por africanos de outros reinos ou aldeias. Havia africanos de reinos e de aldeias, das mais variadas localidades da África, que foram escravizados aqui. No início, eles não tinham uma língua comum nem falavam a língua de seus senhores, o que dificultava a resistência. Somou-se à diversidade cultural indígena a diversidade cultural africana. Também houve a influência portuguesa.

Mais tarde, chegou ao nosso território também descendentes de holandeses, franceses, espanhóis e, no século XIX, italianos. Ainda teve um intenso fluxo migratório de japoneses, árabes, turcos, libaneses e judeus de vários locais da Europa.

Como não houve, inicialmente, uma segregação racial na reprodução (diferentemente de outros povos europeus, os portugueses já eram miscigenados), a miscigenação aconteceu e a diversidade cultural se instalou em nosso país. Nós herdamos, portanto, traços culturais comuns de todos esses povos que aqui estavam ou que para cá vieram.

Qual a importância da diversidade cultural no Brasil?

O primeiro e mais importante argumento a favor da diversidade cultural brasileira diz respeito à nossa própria cultura, pois ela só é o que é hoje por conta do curso da história que proporcionou todos os acontecimentos citados nos tópicos anteriores. Se não fosse diversa, não seria a cultura brasileira que temos hoje.

O segundo e mais forte argumento é o do respeito e da tolerância cultural. Por termos uma cultura tão vasta, aprendemos (às vezes nem tanto) a lidar com o diferente. Com isso, podemos desenvolver a tolerância por aquele que vive de maneira diferente da nossa e enxergá-lo como alguém que merece respeito bem como viver e expressar-se tanto quanto os que vivem e se expressam como nós.

Texto de Francisco Porfírio, disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-diversidade-cultural-no-brasil.htm>.

Referências de fontes eletrônicas:

<http://andrezadelgado/status/1188963589656326145>.
<http://apicadadatocandira.blogspot.com>)
<https://meu.vagalume.com.br/pitluz>
<http://chc.org.br/artigo/reinos-da-africa/>
<https://www.geledes.org.br/o-que-e-quilombo-e-quilombola/>
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/insalubridade-castigos-e-uma-refeicao-diaria-os-horrores-das-senzalas-brasileiras.phtml>
<https://marcozero.org/racismo-coviid-19>
<https://brasilianafotografica.bn.gov.br>
<https://www.vagalume.com.br/leci-brandao/negro-zumbi-2.html>
<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs>
<https://www.significados.com.br/ogum>
<https://www.torredevigilancia.com/sequencia-da-hq-do-pantera-negra-sera-lancada-pela-panini/>
<https://www.papodecinema.com.br/filmes/pantera-negra/>
<https://www.legiaodosherois.com.br/2020/pantera-negra-arte-killmonger-classico.htm>
<https://www.torredevigilancia.com/sequencia-da-hq-do-pantera-negra-sera-lancada-pela-panini/>
<http://www.espacoubuntu.com.br/a-filosofia.html>
<https://feededigno.com.br/quadrinhos/dora-milaje-conheca-o-grupo-de-guerreiras-de-wakanda/>
<https://www.folhaunica.com.br/reportagem/2021/11/mariana-pereira-akiyoshi-loureiro/a-historia-das-guerreiras-que-inspiraram-as-dora-milaje/>
<https://institutoeacao.org.br/conheca-7-mulheres-negras-inspiradoras>
<https://feededigno.com.br/curiosidades/conheca-miles-morales-o-segundo-homem-aranha/>
<https://www.geledes.org.br/nem-todas-as-criancas-vingam-pedagogia-da-violencia-pode-matar-o-pai>
<https://observatoriodegames.uol.com.br/destaque/traje-da-animacao-aranhaverso-estara-em-spider-man-miles-morales>
<https://jamesons.com.br/10-herois-negros-da-marvel-que-voce-talvez-nao-conheca-mas-deveria/>
<https://neoquadriforce.blogspot.com/2012/07/marvels-07-animacoes.html>
<https://brasilescola.uol.com.br/brasil/a-diversidade-cultural-no-brasil.htm>.

Referências de fontes bibliográficas:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. RACISMO ESTRUTURA. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. CIDADANIA NO BRASIL: O LONGO CAMINHO- 15ª ed- Rio de Janeiro : Civilização Brasileira , 2012.

CHALHOUB, Sidney. VISÕES DA LIBERDA: UMA HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO NA CORTE. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FAUSTO, Boris. HISTÓRIA DO BRASIL. 14ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis,RJ. Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII. In: REIS , João José. GOMES, Flavio dos Santos (Org.). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.-1ª ed.- São Paulo: Claro Enigma,2012.

MACEDO, José Rivair. História da África. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. 2ª ed.- São Paulo: Contexto, 2012.

MOORE, Carlos. Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo 1ª ed.- Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNAGA, Kabengele. ORIGENS AFRICANAS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO: HISTÓRIAS, LÍNGUAS, CULTURA E CIVILIZAÇÕES. 3ª ed. São Paulo: Guadú Editorial, 2012.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS : PENSANDO REFERENCIAIS PARA A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.- Belo Horizonte: Mazza Edições 2012.

_____. ALMANAQUE PEDAGÓGICO AFRO-BRASILEIRO. 3ª ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. DIREITOS HUMANOS E AS PRÁTICAS DE RACISMO. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica.

SCHWARTZ, Lilia Mortiz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR.



1- Ogum.



2- Punho da restência.



3- Sankofa.



4- Mãe Africana.



5- O Homem Dominando o Mundo.



6- Rei de Palmares.



7- Os Griots, guardiões da sabedoria e da história.

